



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

Personalidade e Fatores Psicossociais em Mulheres Vítimas de Relações Abusivas

Lucyla Késia de Carvalho Silva

Brasília, 2020.



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

Personalidade e Fatores Psicossociais em Mulheres Vítimas de Relações Abusivas

Lucyla Késia de Carvalho Silva

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Eduardo Silva de Oliveira

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Brasília, 2020



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sérgio Eduardo Silva de Oliveira – Presidente
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Sabrina Mazo D'Affonseca – Membro externo
Departamento de Psicologia – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profa. Dra. Sheila Giardini Murta – Membro interno
Departamento de Psicologia – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profa. Dra. Silvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos – Membro suplente
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília – UnB

Brasília, 25 de novembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à toda minha família pelos estímulos e encorajamento na minha trajetória acadêmica e profissional.

Em especial:

À minha mãe, Luzia Carvalho, agradeço por sua coragem e força transmitidas através do seu papel profissional. Agradeço, também, por ter me propiciado um ambiente de liberdade para eu fazer minhas próprias escolhas e também pelas respostas incompletas, aos meus questionamentos sobre o mundo, que me fizeram entender desde cedo que não há respostas suficientes e muito menos em única fonte.

Ao meu pai, Valmir Santos, pelo carinho, pelas risadas, por ter me apresentado o lado coletivo e político do mundo, pela estante de livros na entrada da nossa casa e pela demonstração de orgulho constante por mim.

À minha irmã, Kelly Carvalho, pelo companheirismo, afeto e proteção. Agradeço também por partilhar comigo a sua visão de mundo tão graciosa e esperançosa.

Ao meu companheiro de vida, Ricardo Borges, por ter me apoiado desde sempre na busca por minhas conquistas, por ser inspiração profissional e acadêmica, pela amizade leal e gentil que temos juntos.

Ao meu orientador, Sérgio Oliveira, pela aposta e dedicação neste trabalho. E também, por sua generosidade, paciência e acolhimento na UnB.

Aos amigos que fiz durante o Mestrado, em especial à Taís pelas histórias compartilhadas, risadas e por ser um ombro amigo em momentos tão difíceis de uma jornada acadêmica. Agradeço também aos meus amigos, Murilo e Rodolfo, pelas trocas e companheirismo no trajeto Goiânia – Brasília. E, por fim, agradeço ao Thiago Zucarini, por todo apoio, carinho e por me mostrar as belezas de Brasília.

A todas as mulheres que participaram desta pesquisa e que enfrentam todos os dias o machismo e a desigualdade de gênero e lutam por um mundo melhor.

Lista de Tabelas

Estudo I

Tabela 1. 1: Características Bibliográficas dos Artigos Seleccionados	30
Tabela 1. 2: Características dos Estudos Seleccionados.....	31
Tabela 1. 3: Instrumentos Utilizados e Fatores da Personalidade Analisados	33
Tabela 1. 4: Resultados Encontrados com Significância Estatística Acerca da Relação entre Fatores da Personalidade e Vitimização por Violência de Parceiro Íntimo	37

Estudo II

Tabela 2. 1: Características Sociodemográficas das Mulheres Participantes do Estudo	54
Tabela 2. 2: Características das Violências Sofrida pelas Mulheres.....	61
Tabela 2. 3: Estatísticas Descritivas das Escalas Utilizadas Neste Estudo e os Correspondentes Coeficientes de Fidedignidade	63
Tabela 2. 4: Correlação Entre os Dados Sociodemográficos e Experiências de Violência	64
Tabela 2. 5: Comparação de Experiências de Violência Entre Mulheres Com Diferentes Condições Sociodemográficas	65
Tabela 2. 6: Correlação Entre Experiências Traumáticas na Infância e Experiências de Violência na Aduldez	66
Tabela 2. 7: Correlação Entre os Domínios do Funcionamento da Personalidade e Violência Contra a Mulher	67
Tabela 2. 8: Correlação Entre Autoconceito Feminino e Experiências de Violência.....	68
Tabela 2. 9: Correlações Entre Experiências Amorosas e Experiências de Violência por Parceiros Íntimos	69

Lista de Figuras

Estudo I

Figura 1. 1: Fluxograma do Método Empregado para Seleção dos Artigos	27
Figura 1. 2: Quantidade de Artigos Recuperados por Ano de Publicação e Quantidade de Obras Publicadas por Quinquênios.....	28

Lista de Abreviaturas e Siglas

CC - Comportamentos de Controle

ETAS-R - Escala Triangular do Amor de Sternberg

IFEAGA - Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PFID-5 - Personality Functioning Inventory for DSM-5

PubMed - National Library of Medicine\National Institutes of Health dos EUA

PsycINFO - American Psychological Association

QCC - Questionário sobre Comportamentos de Controle

QUESI - Questionário Sobre Traumas na Infância

QRA - Quantidade de Relacionamentos Abusivos

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

VCM - Violência contra a Mulher

VE - Violência Emocional

VF - Violência Física

VPI - Violência por Parceiros Íntimos

VS - Violência Sexual

WHO VAW - World Health Organization Violence Against Women

Sumário

Resumo.....	X
Abstract	XI
Introdução	12
Referências.....	17
Estudo I: A Personalidade de Mulheres Vítimas de Violências: Uma Revisão Integrativa da Literatura.....	21
Resumo.....	21
Abstract	21
A Personalidade de Mulheres Vítimas de Violência: Uma Revisão Integrativa da Literatura	23
Método	25
Procedimento de Análise dos Artigos	26
Resultados	26
Seleção dos Estudos	26
Características Bibliográficas dos Artigos	27
Características dos Estudos Selecionados.....	29
Traços de Personalidade de Mulheres Vítimas de VPI.....	34
Discussão	42
Conclusão.....	45
Referências.....	46
Estudo II: Traumas Infantis, Funcionamento da Personalidade, Autoconceito Feminino e Experiências de Amor em Mulheres Vítimas de Violência	50
Resumo.....	50
Abstract	50
Traumas Infantis, Funcionamento da Personalidade, Autoconceito Feminino e Experiências de Amor em Mulheres Vítimas de Violência	52

Método	54
Participantes	54
Instrumentos	55
Instrumentos Para a Caracterização da Violência Contra a Mulher	56
Instrumento Para Caracterização de Violências Vividas na Infância	57
Instrumento Para Identificação do Nível de Funcionamento da Personalidade das Mulheres	57
Instrumento Para Estimação do Autoconceito Feminino.....	58
Instrumento Para Aferição das Experiências de Amor Romântico/Sexual.....	58
Procedimentos	59
Análise dos Dados.....	59
Resultados	60
Caracterização das Violências Contra as Mulheres	60
Distribuição das Variáveis do Estudo e Confiabilidade das Medidas Utilizadas	62
Relações Entre as Experiências de VPI e Fatores Sociodemográficos	64
Relações Entre VPI e Violências Vividas na Infância.....	65
Correlações Entre VPI e Prejuízos no Funcionamento da Personalidade.....	66
O Autoconceito Feminino e sua Associação com VPI	68
Correlações entre VPI e Vivências Amorosas com o Parceiro Íntimo	69
Discussão	69
A Violência por Parceiro Íntimo Está Presente em Todas as Camadas Socioeconômicas?	69
Experiências Traumáticas na Infância Estão Associadas à VPI na Idade Adulta?	70
O Autoconceito das Mulheres Podem Colocá-las em Situações de Vulnerabilidade ou Proteção em Relação à VPI?.....	71
A Forma Como as Mulheres Vivenciam o Amor Está Relacionada à Exposição a VPI?	72
Como o Mau Funcionamento da Personalidade se Associa à Exposição de Mulheres a VPI?	72

Conclusão.....	73
Referências.....	74
Considerações Finais da Dissertação	80
ANEXOS	82
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pesquisa presencial)	83
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pesquisa online)	84
Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico.....	85
Anexo 4 - Questionário sobre a história de traumas na infância (QUESI).....	88
Anexo 5 - World Health Organization Violence Against Woman (WHO VAW).....	89
Anexo 6 - Inventário de Funcionamento da Personalidade para o DSM-5 (IFPD-5).....	91
Anexo 7 - Escala Triangular do Amor de Sternberg – Versão Reduzida (ETAS-R).....	94
Anexo 8 - Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFE GA).....	95
Anexo 9 – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética	96

Resumo

A violência contra a mulher é um evento que tem incidência em todos os estratos socioculturais da população. Muitas mulheres não vivem apenas um, mas múltiplos relacionamentos abusivos. Diversos autores apontam os traços de personalidade e experiências traumáticas na infância, como variáveis associadas aos motivos das mulheres se exporem por muito tempo a relacionamentos abusivos. Além disso, a internalização de construções sociais sobre o feminino e as experiências em relação ao amor podem ter influência nesse cenário de violência. A presente pesquisa visou investigar empiricamente essas variáveis com a finalidade de identificar a relação delas experiências de violência. Para isso foram realizados dois estudos. O primeiro foi uma revisão integrativa da literatura, para identificar os traços de personalidade que estão comumente associados a mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo (VPI). O segundo estudo, por sua vez, investigou a associação dos eventos traumáticos na infância, dos domínios do funcionamento da personalidade, do autoconceito feminino e das experiências de amor à VPI. Os resultados do estudo I mostraram que vítimas de VPI podem apresentar traços de personalidade *borderline*, dependente, esquizoide, esquizotípica, paranoide, evitativa, passivo-agressiva e autodestrutiva. Em relação aos traços gerais da personalidade, observou-se que elevados níveis de neuroticismo e baixos de amabilidade se associaram ao fenômeno da VPI. Contudo, dada a heterogeneidade dos resultados, não houve evidências de um perfil específico como fator associado à exposição de mulheres a relacionamentos abusivos. No estudo II os resultados mostraram que mulheres vítimas de VPI reportaram mais experiências de abusos e negligências na infância e apresentaram mais prejuízos nos domínios do self e dos aspectos interpessoais da personalidade. Em relação ao autoconceito feminino, mulheres preocupadas ou negligentes com as suas autoimagens tiveram mais relacionamentos abusivos e estiveram mais expostas à violência emocional. Também, mulheres mais independentes e empreendedoras toleraram menos os comportamentos de controle do parceiro. Sobre as experiências de amor, algumas mulheres que reportaram estar satisfeitas em seus relacionamentos não experienciaram situações de violência. Espera-se com esse estudo que os resultados possam subsidiar a avaliação de riscos psicológicos associados à VPI, bem como o desenvolvimento de intervenções que considerem as variáveis socioculturais, as experiências infantis, as características de personalidade e as experiências de amor que se mostraram associadas à VPI.

Palavras chaves: mulheres, violência por parceiro íntimo, personalidade, experiências traumáticas na infância, autoconceito feminino, amor

Abstract

Violence against women is an event that affects all socio-cultural strata of the population. Many women do not live just one, but multiple abusive relationships. Several authors point to personality traits and traumatic experiences in childhood, as variables associated with women's reasons for exposing themselves for a long time to abusive relationships. In addition, the internalization of social constructions about the feminine and experiences in relation to love can have an influence in this scenario of violence. This research aimed to empirically investigate these variables in order to identify the relationship between them and experiences of violence. For this, two studies were carried out. The first was an integrative literature review to identify the personality traits that are commonly associated with women victims of intimate partner violence (IPV). The second study, in turn, investigated the association of traumatic events in childhood, domains of personality functioning, female self-concept and experiences of love to IPV. The results of study I showed that victims of IPV may have borderline, dependent, schizoid, schizotypal, paranoid, avoidant, passive-aggressive and self-destructive personality traits. Regarding the general personality traits, it was observed that high levels of neuroticism and low kindness were associated with the phenomenon of IPV. However, given the heterogeneity of the results, there was no evidence of a specific profile as a factor associated with the exposure of women to abusive relationships. In study II, the results showed that women victims of IPV reported more experiences of abuse and neglect in childhood and showed more damage in the domains of self and interpersonal aspects of personality. Regarding female self-concept, women concerned or negligent about their self-images had more abusive relationships and were more exposed to emotional violence. Also, more independent and enterprising women tolerated their partner's control behaviors less. Regarding the experiences of love, some women who reported being satisfied in their relationships did not experience situations of violence. It is hoped with this study that the results may support the assessment of psychological risks associated with IPV, as well as the development of interventions that consider socio-cultural variables, children's experiences, personality characteristics and love experiences that have been shown to be associated with IPV.

Keywords: women, intimate partner violence, personality, traumatic childhood experiences, female self-concept, love

Introdução

Atualmente, com a ampliação dos meios de comunicação e com a conscientização do fenômeno notam-se constantemente denúncias de mulheres que sofrem violência de parceiros íntimos (VPI). A violência contra a mulher (VCM) é um evento que tem incidência em todos os estratos socioculturais da população. Segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS], estima-se que, a nível mundial, cerca de 35% das mulheres experimentam violência física ou sexual por parte dos seus parceiros (OMS, 2013). A violência contra a mulher é um fenômeno complexo, com elementos relacionados à sociedade, à cultura, à economia e a fatores individuais. No Brasil, esse tipo de violência toma um lugar de destaque, o que o insere dentro dos problemas de saúde pública (Silva et al., 2009). Investigar os possíveis determinantes do problema e ampliar o conhecimento das suas facetas podem fornecer valiosas contribuições para o manejo clínico de mulheres vítimas de violência.

A Organização das Nações Unidas [ONU] define a violência contra mulher como “qualquer ato de violência baseada no gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual ou psíquico, incluindo ameaças, coação ou privação da liberdade, quer ocorram em público ou em privado” (Conselho Social e Econômico das Nações Unidas, 1992, p. 26). Esse fenômeno deixa consequências negativas em suas vítimas e, em alguns casos, as levam a desfechos fatais. Esse tipo de violência é também capaz de produzir efeitos psicopatológicos que diminuem a qualidade de vida da mulher. e dos envolvidos, mesmo depois dela ter saído do relacionamento abusivo (Hernandez et al., 2007). Por esses motivos, a VCM, é considerada uma violação aos direitos humanos (Sá & Werlang, 2013). No Brasil, esse tipo de violência costuma acontecer em casa e tende a se repetir, sendo definido também como violência doméstica (Waiselfisz, 2015). A VCM é um crime realizado em grande parte por parceiros ou ex-parceiros íntimos (Thornton et al., 2016). As agressões tendem a ocorrer desde o início da relação e, geralmente, as mulheres se mantêm sob essa violência durante um espaço de tempo

não inferior a 10 anos, até que resolvam buscar algum tipo de auxílio (Sá & Werlang, 2013). Muitas mulheres não vivem apenas um, mas múltiplos relacionamentos abusivos (Coolidge & Anderson, 2002; Ørke et al., 2018). Diante disso, é necessário investigar o que faz uma mulher se expor a múltiplos parceiros violentos mesmo já tendo experimentado essas relações negativas anteriormente. Por muito tempo se acreditou no mito de que as mulheres se recusavam a sair de ciclos de violência porque “gostavam”. Nesse caso, a culpa era colocada numa suposta característica negativa da personalidade da mulher (Moez et al., 2014). Críticos dessa teoria argumentam que esse mito vitimava ainda mais a mulher, pois elas acreditavam nele e se submetiam às violências (Coolidge & Anderson, 2002). Nesse sentido, estudos empíricos controlados são importantes para que mitos sejam completamente dissolvidos e novas estratégias de compreensão do fenômeno emergjam, favorecendo a elaboração de propostas de prevenção e intervenção.

Na sociedade atual, em particular a brasileira, há valores, normas e expectativas que permitem a compreensão da influência de algumas variáveis culturais sobre a contínua exposição de mulheres a relacionamentos abusivos. Uma dessas variáveis é o amor romântico (Santos et al., 2014). Culturalmente, o amor é entendido como um sentimento que deve ser pleno, completo e canal de paixão e segurança, sendo que, para vivê-lo, o indivíduo (nesse caso, a mulher) deve tolerar e perdoar tudo, inclusive a violência (Santos et al., 2014). Essas crenças, quando são incorporadas em uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero, acabam contribuindo para a continuidade dessas relações abusivas (Cortez et al., 2010). Isso porque em uma cultura com valores patriarcais, em que há uma internalização de que o gênero feminino é inferior, muitas mulheres são induzidas a naturalizarem a dominação masculina. Nesse sentido, comportamentos como a dependência emocional, a falta de recursos financeiros, a preocupação com os filhos, o medo da perda e do desamparo diante da necessidade de enfrentar a vida sozinha são negligenciados em prol de uma idealização de um vínculo

amoroso, mesmo que destrutivo (Santos et al., 2014; Schwarcz, 2019). Portanto, é indispensável a compreensão de como as mulheres assimilam e organizam conceitos, teorias, valores, experiências que elas vivenciam em relação aos ideais de amor e ao conceito de feminino.

Sternberg (2006), em sua teoria triangular do amor, caracteriza o amor a partir de três componentes: intimidade, paixão e compromisso. Apesar das diferentes perspectivas existentes sobre o amor, a abordagem de Sternberg é um conceito teórico proeminente na pesquisa empírica. Inclusive, recentemente foi comprovada a universalidade cultural dessa teoria a partir de um estudo transcultural com uma amostra proveniente de 25 países (Sorokowski, 2020). Segundo Hernandez e Oliveira (2003) a presença dos componentes, intimidade, paixão e compromisso, nos relacionamentos podem ser preditores de satisfação conjugal. Nesse sentido, avaliar como as mulheres percebem esses componentes em suas relações amorosas pode ser um indicador protetivo no rastreamento da VPI.

Existem outros modelos que procuram explicar algumas variáveis que estão relacionadas à exposição das mulheres a um ciclo de violência repetitivo. Diversos autores, além de elementos socioeconômicos e culturais, apontam outros fatores, como quadros psicopatológicos, traços de personalidade e experiências traumáticas na infância, como variáveis associadas à exposição prolongada a relacionamentos abusivos (Casio et.al., 2020; Sansone et al., 2007). Pesquisas, que avaliaram o funcionamento psicológico de mulheres vítimas de VPI, encontraram associações com transtornos depressivo, ansioso e de estresse pós-traumático (Hernandez,et.al., 2007), assim como transtornos da personalidade paranoide, dependente, *borderline* e autodestrutiva (Coolidge & Anderson, 2002).

Em relação às experiências traumáticas na infância, pouco se sabe sobre a associação entre os vários tipos de maus tratos na infância e múltiplas formas de vitimização na fase adulta (Abajobir et al., 2016). Herrero, Torres e Rodriguez (2018) encontraram que o maior preditor

para exposição de mulheres a violência por múltiplos parceiros íntimos é o fato de elas terem sofrido abuso infantil. Segundo esses autores, isso acontece porque as vítimas de abuso na infância desenvolvem uma série de déficits psicológicos que aumentam o risco de se relacionarem com parceiros potencialmente violentos. Uma recente revisão de estudos (ver Ørke et al., 2018) encontrou que mulheres que sofrem violência por múltiplos parceiros foram expostas a mais tipos de violência infantil e de abuso sexual do que mulheres expostas à violência por um único parceiro. A teoria intergeracional tem sido muito utilizada para embasar estudos que analisam essas associações (Scatamburlo et al., 2012). Essa teoria postula que um modelo de comportamento pode ser passado de uma geração à outra mediante o diálogo ativo entre elas (Wagner, 2005). Além disso, segundo essa perspectiva, o comportamento do sujeito é determinado pelo meio em que vive, principalmente pelo ambiente familiar. Uma criança poderá vivenciar violência doméstica e essa exposição e/ou experiência precoce irá afetá-la em termos do seu autorrespeito e da sua autoestima, assim como desenvolver sentimentos de insegurança e crenças disfuncionais a respeito do outro (Wagner, 2005).

Um dos atributos que atuam na VCM como elemento de proteção é a resiliência (DuMont et al., 2007). Segundo Silva, Elsen e Lacharité (2003) a resiliência seria resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais podendo atuar como proteção em certos momentos. Nesse sentido, mulheres vítimas de violência que se mostram resilientes aos efeitos desfavoráveis do abuso podem ter uma capacidade de alcançar bons resultados de desenvolvimento, enquanto vivencia circunstâncias negativas que representam um risco para o desenvolvimento estável. Mulheres resilientes apresentam menos sequelas psicológicas e maior capacidade de pôr fim a um relacionamento abusivo (Herrero, Vivas et al., 2018). Já as mulheres que apresentam mais sequelas psicológicas, oriundas das experiências adversas na infância, têm características que aumentam a probabilidade de serem vitimadas de diferentes parceiros do sexo masculino. Dentre essas características estão os transtornos da personalidade

(Coolidge & Anderson, 2002; Sá & Werlang, 2013; Sansone et al., 2007). Ainda que muitos dos transtornos da personalidade estejam associados à exposição de mulheres a VPI, os que aparecem com maior frequência são os transtornos da personalidade *borderline* e dependente (Madalena et al., 2015; Sansone et al., 2007). Pessoas que apresentam traços patológicos de personalidade têm padrões de comportamento, de percepção e de emoção mal adaptativos. Esses padrões de comportamentos são persistentes e estáveis e geram sofrimento subjetivo e prejuízos psicossociais ao indivíduo (American Psychiatric Association, 2014). Modelos contemporâneos da patologia da personalidade indicam que o centro psicopatológico desse transtorno é caracterizado por prejuízos no funcionamento da personalidade, que inclui deficiências nos funcionamentos individual (identidade e autodirecionamento) e/ou interpessoal (empatia e intimidade) (ver modelo alternativo de transtornos da personalidade na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5; American Psychiatric Association, 2014). Esses domínios englobam características essenciais para que uma pessoa constitua relacionamentos sadios (Tyler et al., 2015), sendo que o mau funcionamento deles tende a estar associados a padrões disfuncionais de interação interpessoal.

Tendo por base as indicações científicas do impacto da violência sofrida na infância, do papel dos traços patológicos da personalidade sobre a exposição de mulheres à VPI e a relação das crenças sobre o feminino e do amor romântico com a exposição de mulheres a relacionamentos abusivos, a presente pesquisa de mestrado visou a investigação de fatores internos e culturais que se associam com a VPI. Sabe-se que a VCM tem sido associada a desfechos fatais, e, por tanto, a investigação de fatores de risco e proteção para essas experiências tende a contribuir na prevenção assim como na visualização de novas possibilidades no tratamento desse fenômeno.

Para alcançar esse objetivo, foram conduzidos dois estudos. O primeiro consistiu em uma revisão integrativa da literatura, o qual teve como objetivo identificar, em artigos

científicos indexados nas bases de dados PsycInfo e PubMed, os traços de personalidade que estão comumente associados a mulheres vítimas de VPI. Esperou-se, com esse estudo, conhecer os aspectos e facetas da personalidade dessas mulheres vítima de violência e identificar o papel deles, protetivo ou de risco, no fenômeno de exposição e manutenção de relacionamentos abusivos. O segundo estudo, por sua vez, visou a verificação empírica dos eventos traumáticos na infância, dos domínios do funcionamento da personalidade, do autoconceito feminino e das experiências de amor sobre a exposição de mulheres a VPI. A finalidade desse estudo foi entender a força de associação dessas variáveis com o fenômeno da VPI.

Referências

Abajobir, A. A., Kisely, S., Williams, G. M., Clavarino, A. M., & Najman, J. M. (2017).

Substantiated childhood maltreatment and intimate partner violence victimization in young adulthood: A birth cohort study. *Journal of youth and adolescence*, 46(1), 165-179. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0558-3>

American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.

Cascio M. L., Guarnaccia C., Infurna M. R., Mancuso L., Parroco A. M., Giannone F. (2020)

Environmental Dysfunctions, Childhood Maltreatment and Women's Intimate Partner Violence Victimization. *J Interpers Violence*, 35(19-20), 3806-3832. <https://doi.org/10.1177/0886260517711176>.

Conselho social e econômico das nações unidas. 1992. *Relatório do trabalho de grupo na violência contra a mulher*. Nações Unidas, 26 p.

- Coolidge, F. L., & Anderson, L. W. (2002). Personality profiles of women in multiple abusive relationships. *Journal of Family Violence, 17*(2):117- 131.
<https://doi.org/10.1023/A:1015005400141>
- Cortez, M. B., de Souza, L., & de Queiróz, S. S. (2010). Violência entre parceiros íntimos: uma análise relacional. *Revista Psicologia Política, 10*(20), 227-243.
- Santos, A. C., Farias, D. T. M., Pereira, R. F. S., & Barros, A. (2014). A violência contra a mulher e o mito do amor romântico. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS, 2*(2), 105-120.
- DuMont, K. A., Widom, C. S., & Czaja, S. J. (2007). Predictors of resilience in abused and neglected children grown-up: The role of individual and neighborhood characteristics. *Child abuse & neglect, 31*(3), 255-274.
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.11.015>
- El Moez, K. A., Elsyed, M., Yousef, I., Eldeen, A. W., & Ellithy, W. (2014). Psychosocial characteristic of female victims of domestic violence. *Egyptian Journal of Psychiatry, 35*(2), 105. <https://doi.org/10.4103/1110-1105.134197>
- Hernández, R. P., Berná, F. J. C., & Gras, R. M. L. (2007). Depresión en mujeres maltratadas: relaciones con estilos de personalidad, variables contextuales y de la situación de violencia. *Anales de Psicología/Annals of Psychology, 23*(1), 118-124.
<https://doi.org/10.6018/analesps>
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão, 21*(3), 58-69. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>
- Herrero, J., Torres, A., & Rodríguez, F. J. (2018). Child abuse, risk in male partner selection, and intimate partner violence victimization of women of the European

- Union. *Prevention science*, 19(8), 1102-1112. <https://doi.org/10.1007/s11121-018-0911-8>
- Herrero, J., Vivas, P., Torres, A., & Rodríguez, F. J. (2018). When violence can appear with different male partners: identification of resilient and non-resilient women in the European Union. *Frontiers in psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00877>
- Madalena, M. B. D A., Falcke, D., & Carvalho, L. D. F. (2015). Violência conjugal e funcionamentos patológicos da personalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 122-139.
- Organização Mundial de Saúde (OMS). (2013). Estimativas globais e regionais da violência contra as mulheres: prevalência e efeitos na saúde da violência praticada pelo parceiro íntimo e ausência de violência sexual do parceiro. Genebra: OMS Press. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf .
- Ørke, E. C., Vatnar, S. K. B., & Bjørkly, S. (2018). Risk for revictimization of intimate partner violence by multiple partners: a systematic review. *Journal of Family Violence*, 33(5), 325-339. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-9952-9>
- Sá S.D., & Werlang B.S.G. (2013). Personalidade de mulheres de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*; 6 (2): 106-116
<https://doi.org/10.4013/ctc.2013.62.04>
- Sansone, R. A., Reddington, A., Sky, K., & Wiederman, M. W. (2007). Borderline personality symptomatology and history of domestic violence among women in an internal medicine setting. *Violence and Victims*, 22(1), 120. <http://doi.org/10.1891/vv-v22i1a008>
- Scantamburlo, N. P., Moré, C. L. O. O., & Crepaldi, M. A. (2012). O processo de transmissão intergeracional e a violência no casal. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(44), 35-48.

- Silva A., M., Falbo Neto, G. H., & Cabral Filho, J. E. (2009). Maus-tratos na infância de mulheres vítimas de violência. *Psicologia em Estudo*, 14(1).
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722009000100015>
- Silva, M. R. S. D., Elsen, I., & Lacharité, C. (2003). Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 13(26), 147-156.
- Sternberg, R. J. (2006). *a duplex theory of love*. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love*. Yale University Press.
- Sorokowski, P., Sorokowska, A., Karwowski, M., Groyecka, A., Aavik, T., Akello, G., ... & Atama, C. S. (2020). Universality of the Triangular Theory of Love: Adaptation and Psychometric Properties of the Triangular Love Scale in 25 Countries. *The Journal of Sex Research*, 1-10. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1787318>
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. (1º edição). Editora Companhia das Letras.
- Thornton, A. J., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2016). Intimate partner violence: Are the risk factors similar for men and women, and similar to other types of offending?. *Aggressive behavior*, 42(4), 404-412. <https://doi.org/10.1002/ab.21635>
- Tyrer, P., Reed, G. M., & Crawford, M. J. (2015). Classification, assessment, prevalence, and effect of personality disorder. *The Lancet*, 385(9969), 717-726.
[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)61995-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(14)61995-4)
- Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares*. (1º edição). Edipucrs.
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. Organização Pan-Americana da Saúde. Type Assessoria Editorial Ltda.

Estudo I: A Personalidade de Mulheres Vítimas de Violências: Uma Revisão Integrativa da Literatura

Resumo

A violência contra a mulher (VCM) é um fenômeno multifacetado e complexo, demandando atenção para as diferentes nuances relacionadas ao tema. O presente estudo visou identificar, em artigos científicos indexados nas bases de dados PsycInfo e PubMed, traços de personalidade que estão comumente associados a mulheres vítimas de violência por parceiros íntimos (VPI). Para tanto, foi feita uma revisão integrativa da literatura, analisando artigos empíricos publicados entre 2000 e 2019, que investigaram a relação de fatores da personalidade ao fenômeno da VPI. 10 artigos foram elegíveis e os resultados mostraram que mulheres vítimas de VPI podem apresentar traços de personalidade *borderline*, dependente, esquizoide, esquizotípica, paranoide, evitativa, passivo-agressiva e autodestrutiva. Referente aos traços gerais da personalidade, observou-se que elevados níveis neuroticismo e baixos de amabilidade se associaram com o fenômeno da VPI. São discutidos os desafios de identificar um perfil de personalidade associado à VPI e a necessidade de se tratar as mulheres vítimas de VPI considerando suas necessidades específicas, em vez de atendê-las como um grupo uniforme.

Palavras-chave: personalidade, mulheres, relacionamentos abusivos, violência contra mulheres, violência por parceiro íntimo

Abstract

Violence against women (VAW) is a multifaceted and complex phenomenon, demanding attention to the different nuances related to the theme. This study aimed to identify, in scientific articles indexed in the PsycInfo and PubMed databases, personality traits that are commonly associated with women victims of intimate partner violence (IPV). To this end, an integrative literature review was carried out, analyzing empirical articles published between 2000 and

2019, which investigated the relationship of personality factors to the IPV phenomenon. 10 articles were eligible and the results showed that women victims of IPV may have borderline, dependent, schizoid, schizotypal, paranoid, avoidant, passive-aggressive and self-destructive personality traits. Regarding the general personality traits, it was observed that high levels of neuroticism and low kindness were associated with the phenomenon of IPV. The challenges of identifying a personality profile associated with IPV and the need to treat women victims of IPV considering their specific needs, rather than serving them as a uniform group, are discussed.

Keywords: personality, women, abusive relationships, violence against women, intimate partner violence

A Personalidade de Mulheres Vítimas de Violência: Uma Revisão Integrativa da Literatura

A violência contra a mulher (VCM) é um fato tão antigo quanto a humanidade, porém, a preocupação e a busca pela superação desse problema são recentes. No Brasil, as leis Maria da Penha (*Lei nº 11.340*, 2006) e do feminicídio (*Lei nº 13.104*, 2015), ambas publicadas a menos de duas décadas, criaram mecanismos específicos para coibir, prevenir e erradicar a VCM. Essas leis visam ainda a garantia da integridade física, psíquica, sexual, moral e patrimonial da vítima (Waiselfisz, 2015). Contudo, apesar dos potenciais benefícios provenientes desses dispositivos jurídicos para as mulheres, a VCM continua sendo um grave problema de saúde pública. De fato, a VCM é considerada um crime no Brasil e é em grande parte realizada por homens (Waiselfisz, 2015). O tipo mais comum é a violência praticada por parceiros e ex-parceiros íntimos (VPI) (Thornton et al., 2016) De acordo com o estudo de Waiselfisz (2015), 32,3% dos homicídios de mulheres são decorrentes de VPI. Ainda, ressalta-se que algumas mulheres não vivenciam apenas um, mas múltiplos relacionamentos violentos e, dessa forma, aumenta-se o risco de serem vítimas de crimes fatais (Ørke et al., 2018).

A VCM tem muitas consequências reconhecidas, tanto fatais (feminicídio), quanto não fatais, como danos físicos, infecções sexualmente transmitidas e problemas de saúde mental (Dillon et al., 2013; OPAS/OMS, 2015). Esses desfechos negativos têm mobilizado o aumento de pesquisas que investigam os fatores de riscos associados a esse fenômeno (Sá & Werlang, 2013). Embora muitas pesquisas foquem quase que exclusivamente nos agressores masculinos (Dowgwillo et al., 2016; Menahem, & Czobor, 2004), pesquisas indicam que mulheres também protagonizam atos de violência sobre os homens, posto que a violência feminina tem muito mais chances de ser em autodefesa (Reid, et al., 2008; Zaleski et al., 2010), alguns estudos também têm mostrado que os atos mais graves de violência são perpetrados por homens. Além disso, as mulheres são mais predispostas que os homens a sofrer violência sexual de um

parceiro íntimo e são mais propensas a serem mortas por um parceiro masculino do que qualquer outro tipo de agressor (Dowgwillo et al., 2016).

Ainda, são poucos os estudos que buscam caracterizar as vítimas de VCM (Ørke et al., 2018; Sá, & Werlang, 2013). De acordo com Ørke et al. (2018), pesquisadores podem ter evitado identificar as características das mulheres por medo de culpar as vítimas e reduzir o foco no ofensor. É de consenso na literatura que a VPI possui gênese multicausal (Avdibegovic et al., 2017) e, por tanto, estão implicados fatores sociais, históricos, culturais e individuais, tanto dos agressores quanto das vítimas. Para uma melhor compreensão do fenômeno, é preciso investigar as diferentes facetas que o compõem.

Diferenças individuais podem ser observadas nas respostas de mulheres à VPI. Algumas, por exemplo, não permitem que isso ocorra no relacionamento, outras interrompem a violência após algum tempo ela ter começado e outras não conseguem romper o ciclo de violência. Para além dos fatores sócio-histórico-culturais e das variáveis relativas ao relacionamento/dinâmica do casal, questiona-se se características da personalidade da mulher desempenham algum papel na VPI. A literatura tem observado que traços patológicos da personalidade desempenham um importante papel nesse contexto (Coolidge, & Anderson, 2002; Dowgwillo et al., 2016; Ørke et al., 2018). Pessoas com traços patológicos da personalidade tendem a não reconhecer que são deficientes em suas relações interpessoais (Tyler et al., 2015) e isso pode contribuir para que as mulheres adotem atitudes de aceitação aos abusos e ainda pode dificultar que elas procurem ajuda especializada (OPAS/OMS, 2015). Ainda, sabe-se que relações violentas geralmente se formam a partir de vínculos patológicos que se retroalimentam, transformando a relação em um ciclo de violência (El Moez et al., 2014; Sá & Werlang, 2013). Assim, não se trata apenas da personalidade da mulher, mas também da do parceiro. De qualquer forma, o recorte proposto no presente estudo foca na compreensão dos aspectos da personalidade da mulher. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo

identificar os fatores de personalidade associados a mulheres vítimas de VPI descritos na literatura nos últimos 20 anos. Pretende-se, com esta revisão integrativa da literatura, ampliar os conhecimentos acerca dos fatores intrapessoais que estão associados à exposição de mulheres a VPI, com foco nas características de personalidade das mulheres. Porém, mesmo que não seja esse o objetivo desta revisão, é importante destacar que essas características sejam compreendidas, também, a partir do contexto sociocultural e relacional em que as mulheres estão inseridas. Ainda, acredita-se que os resultados desta revisão poderão subsidiar a avaliação de riscos psicológicos associados à VPI, bem como o desenvolvimento de intervenções que considerem as diferenças individuais e as características de personalidade que se mostraram associadas à VPI.

Método

A revisão integrativa foi desenvolvida a partir da busca por artigos que examinaram as relações entre fatores de personalidade e VPI nas bases de dados *PubMed* (National Library of Medicine\National Institutes of Health dos EUA) e *PsycINFO* (American Psychological Association). As bases de dados foram configuradas para localizar o seguinte modelo: "women" AND (((("intimate partner violence") OR "battered woman") OR "domestic violence") AND ("personality")). Esse mecanismo de pesquisa realiza a busca dos termos do modelo em conjunto, mesmo que não estejam em sequência ou juntos. Os critérios de inclusão para análise da produção sobre o assunto foram: (a) artigos publicados na íntegra em língua inglesa, espanhola ou portuguesa; (b) eles deveriam ter sido publicados no período de 2000 a 2019 (últimos 20 anos); (c) eles deveriam ser de método empírico-quantitativo; e (d) eles deveriam incluir a relação de fatores da personalidade de mulheres com o fenômeno de exposição ou situação de VPI. O recorte temporal dos últimos 20 anos foi estabelecido de forma arbitrária pelos autores deste estudo.

Procedimento de Análise dos Artigos

Foram extraídos dos artigos as seguintes informações: ano de publicação (para verificar a temporalidade do interesse da comunidade científica sobre o tema), área do conhecimento (para identificar os seguimentos científicos com maior interesse sobre o tema), autores (para examinar pesquisadores de referência na área), país (para averiguar os países que mais produzem esse tipo de conhecimento), periódico (para identificar as revistas que mais publicam sobre o assunto), tipo de estudo (para caracterizar o método empregado), nacionalidade da amostra (para contextualizar culturalmente os achados), tamanho da amostra (para dimensionar os achados), instrumentos utilizados (para identificar a forma de operacionalização dos construtos), fatores de personalidade associados às mulheres vítimas de relacionamentos violentos (para verificar consistências e inconsistências na literatura sobre os achados) e tipo de violência ocorrida (para caracterizar os tipos de violência sofridos pelas mulheres).

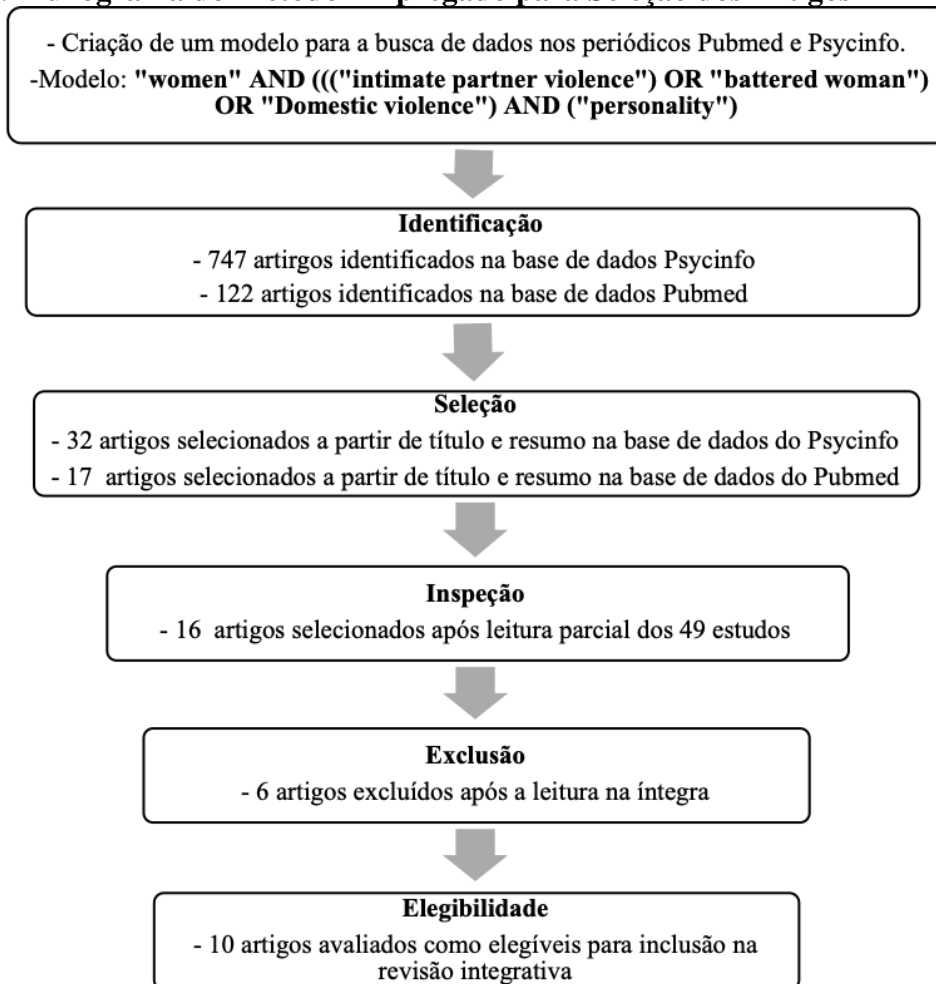
Resultados

Seleção dos Estudos

O processo de seleção de estudos é apresentado na Figura 1.1. Dos 869 artigos recuperados pela pesquisa, a partir do *string*: "women" AND (((("intimate partner violence") OR "battered woman") OR "Domestic violence") AND ("personality")), 853 foram excluídos por não contemplarem os critérios de seleção. O processo de avaliação dos artigos foi dividido em 5 fases: identificação, seleção, inspeção, exclusão das duplicadas e elegibilidade. Na fase de seleção, dentre os artigos que foram excluídos, encontraram-se alguns que tratavam apenas da personalidade de mulheres perpetradoras de violência, outros não traziam dados estatísticos, e foram excluídos também aqueles que não reportavam resultados diretos dos fatores da

personalidade em relação à VPI ou não reportavam resultados específicos para a amostra de mulheres. Ao final do processo, 10 artigos foram incluídos para a revisão integrativa.

Figura 1. 1: Fluxograma do Método Empregado para Seleção dos Artigos

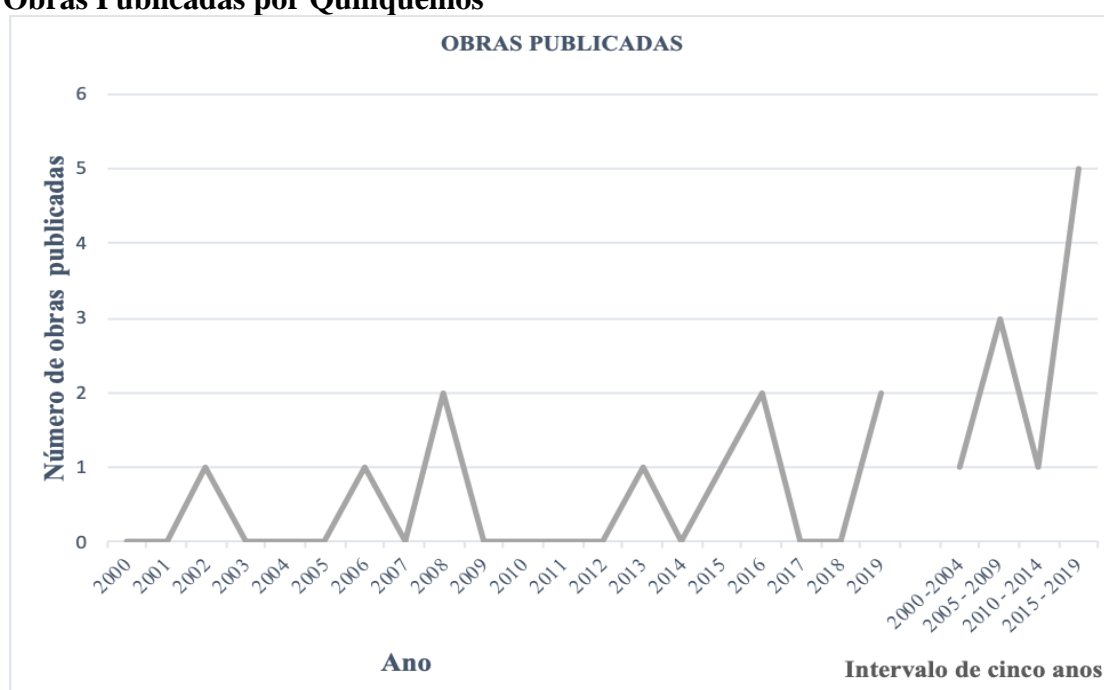


Cada estudo selecionado foi registrado cronologicamente em um banco de dados. A seleção dos artigos foi realizada no período do dia 31/06/2019 á 31/08/2019. Dos 10 artigos elegíveis, 6 foram selecionados a partir da base de dados PUBMED e 4 artigos foram selecionados da base de dados PSYCINFO. Vale destacar que a produção científica sobre VPI é muito extensa, porém, para esta revisão foram consideradas apenas as obras que tratavam de algum aspecto da personalidade de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos.

Características Bibliográficas dos Artigos

Os artigos recuperados foram publicados entre os anos de 2002 e 2019. A Figura 1.2 ilustra a quantidade de artigos publicados sobre o tema ao longo do recorte dos últimos 20 anos. Observa-se que houve uma variação entre zero e dois artigos publicados por ano. O que sugere pouco interesse da comunidade científica sobre o tema em específico. Contudo, é também possível observar que a quantidade de artigos publicados sobre a temática aumentou nos últimos cinco anos (2015-2019).

Figura 1. 2: Quantidade de Artigos Recuperados por Ano de Publicação e Quantidade de Obras Publicadas por Quinquênios



Os periódicos que mais publicaram artigos sobre o tema foram os *Journal of Family Violence* e o *Violence and Victims*, com dois artigos cada (ver Tabela 1.1.). Os demais artigos foram publicados em periódicos distintos, geralmente com escopos voltados para as áreas da psicologia e da psiquiatria clínicas. Ainda em relação aos dados bibliográficos, uma análise dos autores dos artigos selecionados indicou que há variabilidade entre os pesquisadores que estudam a temática.

Características dos Estudos Seleccionados

Conforme indicado na Tabela 1.2., os estudos encontrados foram desenvolvidos principalmente por pesquisadores da área da Psicologia, somando 9 dos 10 estudos. Um outro estudo foi conduzido por pesquisadores tanto da Psicologia quanto da Psiquiatria. No que se refere aos países de origem dos estudos, sete foram realizados nos Estados Unidos e dois na Espanha, e um em Portugal. Esse resultado indica que os Estados Unidos é o país que tem mais pesquisadores interessados sobre o tema, ou, ao menos, que mais publica. Nove artigos foram publicados em língua inglesa e um em espanhol, reforçando a internacionalização da comunicação científica por meio da língua inglesa. A nacionalidade das amostras de todos os estudos correspondeu aos países nos quais os estudos foram realizados. Com isso, identifica-se uma carência de estudos transculturais ou multiculturais sobre o tema.

O tamanho das amostras variou de 98 a 4.311 mulheres. Alguns estudos (Dowgwillo et al., 2016; Hines, & Saudino, 2008; Ulloa et al., 2016) investigaram os fatores de personalidade em amostras masculinas e femininas, porém, a análise desta revisão se restringiu apenas às amostras femininas. De modo geral, as amostras foram compostas por mulheres que estiveram ou estavam em um relacionamento romântico heterossexual e que tinham sido expostas à VPI. As mulheres que participaram dos estudos eram estudantes universitárias (Dowgwillo et al., 2016; Hines, & Saudino, 2008) e mulheres que tinham sido expostas à VPI e estavam procurando assistências em delegacias, abrigos ou clínicas de tratamentos (Moreira et al., 2019; Sansone et al., 2006).

Tabela 1. 1: Características Bibliográficas dos Artigos Selecionados

Ano	Título	Periódico	Autores	
1	2002	Personality profiles of women in multiple abusive relationships	Journal of Family Violence	Coolidge, F. L., & Anderson, L. W.
2	2006	Domestic violence and borderline personality symptomatology among women in an inpatient psychiatric setting	Traumatology	Sansone, R. A., Reddington, A., Sky, K., & Wiederman, M. W.
3	2008	Personality disorder symptoms in women as a result of chronic intimate male partner violence	Journal of Family Violence	Pico-Alfonso, M. A., Echeburúa, E., & Martínez, M.
4	2008	Personality and intimate partner aggression in dating relationships: the role of the "Big Five"	Aggressive Behavior	Hines, D. A., & Saudino, K. J.
5	2013	Relationship between intimate partner violence, depressive symptomatology, and personality traits	Journal of Family Violence	Torres, A., Garcia-Esteve, L., Navarro, P., Tarragona, M. J., Imaz, M. L., Ascaso, C., Gelabert, E., Plaza, A., Subirà, S., Valdés, M., & Martín-Santos, R.
6	2015	Personality Assessment Screener, childhood abuse, and adult partner violence in African American women using primary care	Assessment	Porcerelli, J. H., Hurrell, K., Cogan, R., Jeffries, K., & Markova, T.
7	2016	DSM-5 Pathological personality traits and intimate partner violence among male and female college students	Violence and Victims	Dowgwillo, E. A., Ménard, K. S., Krueger, R. F., & Pincus, A. L.
8	2016	The big five personality traits and intimate partner violence: findings from a large, nationally representative sample	Violence and Victims	Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O'Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F. L.
9	2019	Understanding the experience of psychopathology after intimate partner violence: the role of personality	PeerJ	Moreira, P. A., Pinto, M., Cloninger, C. R., Rodrigues, D., & Silva, C. F.
10	2019	Does a history of childhood abuse moderate the association between symptoms of posttraumatic stress disorder and borderline personality disorder in survivors of intimate partner violence?	Journal of Clinical Psychology	Beck, J. G., Woodward, M. J., Pickover, A. M., Lipinski, A. J., Dodson, T. S., & Tran, H. N.

Tabela 1. 2: Características dos Estudos Selecionados

	País de origem	Área do conhecimento	Objetivo do estudo	Tipo	Característica da amostra	Tamanho da amostra
1	Estados Unidos	Psicologia	Examinar a psicopatologia em mulheres que tiveram um/vários relacionamentos abusivos.	T	Mulheres da comunidade que buscaram ajuda em um grupo de estudos e tratamento.	129
2	Estados Unidos	Psicologia	Verificar a relação entre uma história de violência doméstica e a sintomatologia de personalidade borderline.	T	Mulheres que foram internadas em uma unidade psiquiátrica de um hospital.	131
3	Espanha	Psicologia	Avaliar a sintomatologia de transtornos da personalidade em mulheres expostas a VPI física e psicológica.	T	Mulheres da comunidade para compor o grupo controle e mulheres três centros de atendimentos a mulheres vítimas de agressão.	182
4	Estados Unidos	Psicologia	Investigar a associação entre a personalidade e as experiências de relacionamento em vínculos agressivos.	T	Mulheres universitárias.	301
5	Espanha	Psicologia e Psiquiatria	Examinar a relação entre a VPI e os sintomas de TP controlando o estado depressivo.	T	Mulheres vítimas de VPI foram recrutadas em um serviço ambulatorial para mulheres que sofreram agressão. As sem histórico de abuso foram recrutadas em clínicas de saúde.	369
6	Estados Unidos	Psicologia	Avaliar a relação entre a psicopatologia, o abuso físico e sexual na infância e a VPI	T	Mulheres afro-americanas selecionadas de um serviço atenção primária.	98
7	Estados Unidos	Psicologia	Investigar a associação entre os traços patológicos de personalidade do DSM-5 com a vitimização de VPI.	T	Mulheres universitárias.	1.338
8	Estados Unidos	Psicologia	Investigar as associações do <i>Big Five</i> com o uso e recebimento de VPI psicológica, física e sexual	T	Mulheres do Estudo Nacional Longitudinal de Saúde do Adolescente.	4.311
9	Portugal	Psicologia	Investigar a associação entre VPI e saúde mental.	T	Mulheres controles e mulheres vítimas de VPI de projetos especializados em fornecer apoio.	100
10	Estados Unidos	Psicologia	Investigar as relações entre abuso infantil, TP borderline e TEPT em mulheres vítimas de VPI.	T	Mulheres de uma clínica de pesquisa para mulheres que sofreram VPI.	211

Nota. Tipo – delimitamento do estudo; T – transversal.

Todos os estudos tiveram como objetivo investigar os fatores de personalidade das mulheres vítimas de relações abusivas, como pretendido nesta revisão. O delineamento de coleta dos dados usado, em todos os estudos, foi o transversal. Cinco estudos fizeram pesquisa de levantamento e cinco utilizaram grupos de controle no delineamento investigativo. Nesses casos, os grupos foram divididos entre mulheres que sofriam ou já haviam sofrido abusos em seus relacionamentos e mulheres que nunca experimentaram nenhum tipo de abuso (Coolidge, & Anderson, 2002; Moreira et al., 2019; Pico-Alfonso et al., 2008; Sansone et al., 2006; Torres et al., 2013). Um desses estudos visou a comparação, também, de mulheres vítimas de um único parceiro abusivo e mulheres vítimas de múltiplos parceiros abusivos (Coolidge, & Anderson, 2002).

Atendendo aos critérios da presente revisão integrativa da literatura, todos os estudos incluídos investigaram fatores de personalidade de mulheres vítimas de VPI. Dos 10 artigos analisados, quatro buscaram avaliar especificamente os perfis de personalidade das mulheres que estavam em relacionamentos abusivos (Beck et al., 2019; Dowgwillo et al., 2016; Hines, & Saudino, 2008; Ulloa et al., 2016). Um estudo investigou conjuntamente a personalidade de mulheres perpetradoras de violência (Ulloa, et al., 2016). Outra variável de interesse em diversos estudos foi a presença de quadros psicopatológicos, em especial os transtornos de humor (Coolidge & Anderson, 2002; Moreira et al., 2019; Torres et al., 2013) e os transtornos ansiosos (Coolidge & Anderson, 2002; Moreira et al., 2019). Sete estudos incluíram a investigação do contexto sociodemográfico das vítimas. Finalmente, vale salientar que dois estudos, desta revisão, investigaram a associação das experiências traumáticas na infância com a VPI. A Tabela 1.3 apresenta os instrumentos utilizados nos diferentes estudos, assim como os traços de personalidade incluídos nas investigações.

Tabela 1. 3: Instrumentos Utilizados e Fatores da Personalidade Analisados

	Instrumentos				Construtos da personalidade	
	Contexto	Personalidade	VPI	Outros	Descrição	Tipo
1	QSD ^a	CATI ^a	Próprio ^a	-	Antissocial, evitativa, borderline, dependente, depressiva, histriônica, narcisista, obsessivo-compulsiva, paranoide, passivo-agressiva, sádica, esquizoide, esquizotípica, autodestrutiva	Patológico
2	-	PDQ-4 ^a subescala borderline	SVAWS ^a subescalas ameaças e ações	SHI ^a	Borderline	Patológico
3	QSD ^{a,b}	MCCI-II ^a	Próprio ^{a,b}	Próprio sobre abuso infantil ^{a,b}	Esquizoide, evitativa, dependente, histriônica, narcisista, antissocial, agressiva (sádica), compulsiva, passivo-agressiva (negativista), autodestrutiva (masoquista), esquizotípica, borderline, paranoide	Patológico
4	QSD ^a	EPI ^a , IPIP subescalas Agradabilidade, Abertura e Conscienciosidade	CTS-2 ^a	-	Extroversão, neuroticismo, agradabilidade, conscienciosidade, abertura à experiência	Geral
5	QSD ^b	DAPP-BQ ^a	ISA ^a	BDI-II ^a , ETI-SF ^a	Submissão, labilidade afetiva, ansiedade, apego inseguro, distorção cognitiva, problemas de identidade, evitação social, oposição, narcisismo, busca de estímulos, calosidade, rejeição, problemas de conduta, expressão restrita, problemas de intimidade, compulsividade, suspeita e autoprejuízo	Patológico
6	-	PAS ^a	CTS-2 ^a	CTQ-SF ^a	Afeto negativo, <i>acting out</i> , problemas de saúde, características psicóticas, retraimento social, controle hostil, pensamento suicida, alienação, problemas com álcool e controle de raiva.	Patológico
7	QSD ^a	PID-5 ^a	CTS-2 ^a	-	Afetoividade negativo, distanciamento, antagonismo, desinibição e psicoticismo	Patológico
8	-	Mini-IPIP ^a	CTS ^a	-	Extroversão, neuroticismo, abertura, conscienciosidade, agradabilidade	Geral
9	QSD ^c	TCI-R ^a	Próprio ^c	BSI ^a	Busca de novidades, prevenção de danos, dependência de recompensa, persistência, auto direcionamento, cooperatividade e auto transcendência	Geral
10	QSD ^{a,b}	ADP-IV ^a subescala borderline	Próprio ^{a,b}	CAPS ^b , LEC	Borderline	Patológico

Nota: ^a Autorrelato; ^b Entrevista; ^c Outro informante; ADP-IV = Assessment of DSM-IV Personality Disorders; BDI = Beck Depression Inventory; BSI = Brief Questionnaire; EPI = Eysenck Personality Inventory; IPIP = International Personality Item Pool; ISA = Index of Spouse Abuse; ETI-SF = Early Trauma Inventory-Short Form LEC = Life Event Checklist; MCCI-II = Millon Clinical Multiaxial Inventory - II; Mini-IPIP = Mini-International Personality Item Pool; PAS = Personality Assessment Screener; PDQ-4 = Borderline Personality Subscale do Personality Diagnostic Questionnaire-4; PID-5 = Personality Inventory for DSM-5; SHI = Self-Harm Inventory; SVAWS = Severity of Violence Against Women Scale; TCI-R = Temperament and Character Inventory-Revised.

Os instrumentos utilizados especificamente para avaliação das características de personalidade de mulheres vítimas de VPI foram variados. Dos 10 estudos, seis utilizaram instrumentos que estimam traços patológicos da personalidade, enquanto os demais utilizaram medidas gerais da personalidade. Nota-se que cada estudo utilizou um instrumento específico para a avaliação dos traços da personalidade das mulheres. Em relação à caracterização da VPI, quatro estudos utilizaram a versão original ou revisada da *Conflict Tactics Scale* (CTS; Straus, 1979; CTS-2; Straus et al., 1996) e quatro estudos não utilizaram escalas padronizadas, valendo-se de questionários ou entrevistas estruturadas sobre a exposição à violência criados especificamente para a pesquisa em questão (ver Tabela 1.3). É importante ressaltar que os questionários e entrevistas desenvolvidos pelos próprios autores não foram adequadamente validados antes das investigações e, portanto, tem-se um aumento de viés metodológico desses estudos. Os dados encontrados em todos os 10 estudos foram autorelatados e, portanto, sujeitos a vieses de resposta, como desejabilidade social e viés de recordação. A Tabela 1.3 também apresenta outros instrumentos que foram utilizados nos estudos.

Traços de Personalidade de Mulheres Vítimas de VPI

Uma análise cuidadosa dos resultados encontrados nos 10 estudos, referentes às características de personalidade de mulheres vítimas de VPI, demonstrou uma heterogeneidade de modelos de personalidade. Alguns estudos visaram a identificação de traços gerais da personalidade enquanto outros focaram nos traços patológicos da personalidade (ver Tabela 1.4). Observa-se que os artigos que investigaram os traços patológicos da personalidade indicaram que características dos transtornos da personalidade *borderline*, autodestrutiva, dependente, esquizoide, esquizotípica, paranoide, evitativa, passivo-agressiva e antissocial estão associadas à VPI (Beck et al., 2019; Coolidge, & Anderson, 2002; Pico-Alfonso et al., 2008; Sansone et al., 2006). No estudo de Torres et al. (2013), características mal adaptativas

como problemas de identidade, distorção cognitiva, evitação social, desconfiança, submissão, labilidade afetiva, problemas de intimidade e problemas de rejeição, também foram observados em mulheres vítimas de VPI.

Nos estudos que investigaram os traços gerais da personalidade, altos escores em abertura, neuroticismo, extroversão (Ulloa et al., 2016) e conscienciosidade (Hines & Saudino, 2016) se mostraram associados a exposição de mulheres a relacionamentos abusivos. Baixos escores em agradabilidade também estavam associados a VPI (Hines & Saudino, 2016). Moreira et al. (2019) utilizaram o modelo psicobiológico de Cloninger para investigar as características das vítimas de VPI e suas associações com sintomas psicopatológicos. Os autores encontraram que as mulheres que sofriam VPI tinham um funcionamento de caráter caracterizado por baixos níveis de autodireção, cooperatividade e autotranscendência. Na dimensão de temperamento, essas mulheres tinham elevados níveis de prevenção de dano e baixos escores em busca de novidade e dependência de recompensa. Essas características implicam, de acordo com os autores, que essas mulheres são propensas a ter poucas habilidades sociais, a apresentarem comportamento evitativo e a serem imaturas e desorganizadas. Nesse estudo, o principal achado, é em relação aos baixos escores na dimensão “busca por novidade”. Essa dimensão pode ser responsável por explicar os motivos de mulheres vítimas de VPI terem uma maior tolerância a padrões repetidos de interações abusivas e pode explicar parcialmente as dificuldades que muitas mulheres têm em deixar relacionamentos abusivos. Mulheres com elevados níveis de “busca por novidade” tendem a expressar uma intolerância à monotonia e podem ser mais facilmente provocadas a uma resposta de luta ou fuga. Essas mulheres podem ter impulso mais forte para explorar alternativas para seus relacionamentos abusivos e possivelmente se desvincular deles (Moreira et al., 2019).

Apenas dois estudos verificaram a associação entre tipos específicos de violência (física, sexual ou psicológica) com fatores de personalidade (Hines, & Saudino, 2016;

Porcerelli et al., 2015). Hines e Saudino (2016), por meio do modelo de personalidade de Eysenck, encontraram que as mulheres com elevados níveis de neuroticismo são mais propensas a sofrerem agressão física e sexual. Mulheres com altos escores em extroversão tendem a permanecer em relacionamentos psicologicamente abusivos. Por fim, mulheres conscienciosas tendem a se manter em relacionamentos sexualmente violentos (Hines & Saudino, 2016). Já Porcerelli et al. (2015) encontraram preditores diferentes para a manutenção de violências físicas e sexuais na adultez. Em seu estudo, os altos escores para características psicóticas, em uma amostra não psicótica de mulheres urbanas, pode indicar que a paciente é vítima recente de perseguição real (isto é, violência física). Para prever a vitimização de violência sexual, o pensamento suicida se associou com as pontuações de afeto negativo e alienação. Essa combinação de escores sugere que as mulheres vítimas de violência sexual por seu parceiro íntimo não apenas se sentem ansiosas, deprimidas e potencialmente suicidas, como também podem se sentir incapazes de discutir esse tipo de abuso com outras pessoas.

Referente aos estudos que fizeram comparação de grupos de mulheres vítimas de VPI com mulheres sem histórico de violência por parceiros íntimos, os resultados indicaram, de modo geral, que mulheres que relataram VPI tendem a ter níveis mais elevados de traços patológicos da personalidade e maior propensão a terem perfis de transtornos da personalidade do que as mulheres que não relataram VPI (Moreira et al., 2019; Pico-Alfonso et al., 2008; Sansone et al., 2006). Torres et al. (2013) encontraram que as mulheres com VPI parecem ter apenas modestas diferenças na sua apresentação psicológica, quando comparadas com as mulheres sem histórico de violência. Ainda, Coolidge e Anderson (2002) observaram que mulheres que relataram múltiplos relacionamentos abusivos exibiram níveis mais altos de psicopatologia do que mulheres que tiveram um único relacionamento abusivo.

Tabela 1. 4: Resultados Encontrados com Significância Estatística Acerca da Relação entre Fatores da Personalidade e Vitimização por Violência de Parceiro Íntimo

Teste de qui-quadrado investigando a prevalência de mulheres com nível clínico para os transtornos da personalidade em relação ao histórico de relacionamentos abusivos; único (GU), múltiplos (GM) e controle (GC).					
	GU (<i>n</i> = 33)	GM (<i>n</i> = 42)	GC (<i>n</i> = 54)	<i>p</i>	
Dependente	0%	21%	2%	0,001	
Paranoide	0%	10%	0%	0,014	
Autodestrutiva	3%	14%	5%	0,007	
1 ANOVA comparando as médias das escalas de transtornos da personalidade entre os grupos.					
	GU (<i>n</i> = 33) <i>M</i> (<i>DP</i>)	GM (<i>n</i> = 42) <i>M</i> (<i>DP</i>)	GC (<i>n</i> = 54) <i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>p</i>	Post-hoc
Borderline	50,4 (10,0)	55,3 (12,5)	47,6 (10,2)	0,004	GC < GM
Dependente	49,3 (10,8)	56,9 (14,7)	48,7 (10,0)	0,002	GC e GU < GM
Paranoide	47,2 (8,5)	53,7 (12,0)	47,3 (9,8)	0,005	GC e GU < GM
Autodestrutiva	53,6 (8,5)	60,0 (9,1)	51,6 (10,3)	0,001	GC e GU < GM
Teste de correlação entre traços borderline com severidade de violência contra a mulher.					
	VCM (<i>r</i>)			<i>p</i>	
Borderline	0,37			< 0,001	
2 Teste de qui-quadrado investigando a prevalência de mulheres com critérios para o transtorno da personalidade borderline em relação à presença de histórico de violência (PHV) e ausência de histórico de violência (AHV).					
	PHV (<i>n</i> = 64)	AHV (<i>n</i> = 45)		<i>p</i>	
Borderline	84,1%	55,6%		< 0,001	
Borderline (critério mais estrito)	77,0%	44,4%		< 0,001	
ANOVA comparando as médias das escalas de transtornos da personalidade entre os grupos de mulheres sem histórico de abuso/controle (GC), com histórico de abuso físico e psicológico (GFP) e com histórico de abuso psicológico (GP).					
	GC (<i>n</i> = 52) <i>M</i> (<i>DP</i>)	GFP (<i>n</i> = 73) <i>M</i> (<i>DP</i>)	GP (<i>n</i> = 53) <i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>p</i>	Post-hoc
Esquizoide	54,1 (25,8)	70,8 (32,1)	73,7 (29,5)	< 0,001	GC < GFP e GP
Esquiva	21,1 (18,7)	45,6 (27,9)	44,6 (26,5)	< 0,001	GC < GFP e GP
Narcisista	62,7 (30,3)	76,9 (28,1)	68,9 (32,3)	< 0,050	GC < GFP
Antissocial	39,5 (28,5)	56,2 (32,3)	46,9 (28,1)	< 0,010	GC < GFP
Agressiva (sádica)	38,9 (27,1)	54,8 (27,9)	46,2 (29,1)	< 0,010	GC < GFP
Passivo-agressiva (negativista)	26,4 (24,8)	42,5 (33,0)	34,3 (23,1)	< 0,010	GC < GFP
Autodestrutiva (masoquista)	21,1 (19,4)	47,4 (28,0)	43,4 (26,7)	< 0,001	GC < GFP e GP
Esquizotípica	36,7 (20,5)	64,0 (31,4)	64,6 (27,0)	< 0,001	GC < GFP e GP

Borderline	25,5 (16,0)	50,8 (26,2)	42,8 (21,4)	< 0,001	GC < GFP e GP
Paranoide	54,8 (33,3)	79,6 (32,6)	74,5 (32,9)	< 0,001	GC < GFP e GP
Teste <i>t</i> comparando as médias das escalas de transtornos da personalidade entre os grupos de mulheres com histórico de abuso físico e psicológico sem abuso sexual associado (GSAS) e com abuso sexual associado (GCAS).					
	GSAS (<i>n</i> = 50)		GCAS (<i>n</i> = 23)		<i>p</i>
	<i>M</i> (<i>DP</i>)		<i>M</i> (<i>DP</i>)		
Esquizoide	65,6 (32,7)		82,0 (28,4)		< 0,050
Paranoide	74,7 (32,1)		90,4 (28,0)		< 0,050
Teste <i>t</i> comparando as médias das escalas de transtornos da personalidade entre os grupos de mulheres com histórico de abuso psicológico sem abuso sexual associado (GSAS) e com abuso sexual associado (GCAS).					
	GSAS (<i>n</i> = 44)		GCAS (<i>n</i> = 9)		<i>p</i>
	<i>M</i> (<i>DP</i>)		<i>M</i> (<i>DP</i>)		
Compulsiva	88,9 (27,0)		107,0 (14,9)		< 0,010
Regressões múltiplas hierárquicas predizendo a variação dos escores das escalas de transtornos da personalidade entrando no primeiro passo as experiências de abuso infantil e no segundo passo as experiências de VPI.					
Esquizoide	$F(3,119) = 5,13; \Delta R^2 = 0,108$				< 0,010
Antissocial	$F(3,119) = 2,75; \Delta R^2 = 0,061$				< 0,050
Agressiva (sádica)	$F(3,119) = 3,61; \Delta R^2 = 0,081$				< 0,050
Passivo-agressiva (negativista)	$F(3,119) = 3,75; \Delta R^2 = 0,084$				< 0,050
Autodestrutiva (masoquista)	$F(3,119) = 8,41; \Delta R^2 = 0,174$				< 0,001
Esquizotípica	$F(3,119) = 11,12; \Delta R^2 = 0,217$				< 0,001
Borderline	$F(3,119) = 10,21; \Delta R^2 = 0,203$				< 0,001
Paranoide	$F(3,119) = 6,35; \Delta R^2 = 0,138$				< 0,001
Regressão binomial negativa verificando a predição dos traços da personalidade sobre a vitimização de agressão.					
Agressão psicológica	<i>B</i>	<i>S</i>	x^2		<i>p</i>
Extroversão	0,06	0,02	5,02		< 0,050
Socialização	-0,04	0,02	4,96		< 0,050
4 Agressão física	<i>B</i>	<i>S</i>	x^2		<i>p</i>
Neuroticismo	0,13	0,04	9,37		< 0,010
Socialização	-0,14	0,05	12,23		< 0,001
Agressão sexual	<i>B</i>	<i>S</i>	x^2		<i>p</i>
Neuroticismo	0,10	0,05	4,46		< 0,050

	Socialização	-0,11	0,05	4,93	< 0,050
	Conscenciosidade	0,07	0,03	5,52	< 0,050
ANCOVA comparando as médias das escalas de traços patológicos da personalidade, controlando pela idade e nível de escolaridade, entre os grupos de mulheres vítimas de VPI (GV) e mulheres controle (GC).					
		GV (<i>n</i> = 176)		GC (<i>n</i> = 193)	<i>p</i>
		<i>M</i> (<i>DP</i>)		<i>M</i> (<i>DP</i>)	
	Submissão	45,8 (11,7)		38,7 (11,9)	< 0,0031
	Labilidade afetiva	49,3 (11,9)		44,6 (13,6)	< 0,0031
	Ansiedade	51,8 (13,7)		44,7 (15,7)	< 0,0031
	Distorção cognitiva	42,2 (13,2)		33,5 (12,6)	< 0,0031
	Problemas de identidade	47,0 (13,6)		36,8 (14,1)	< 0,0031
	Evitação social	42,9 (12,3)		33,5 (12,6)	< 0,0031
5	Desconfiança	37,0 (12,1)		30,0 (10,6)	< 0,0031
	Narcisismo	42,6 (11,0)		40,0 (11,4)	< 0,0031
	Expressão restrita	43,1 (10,8)		37,7 (11,6)	< 0,0031
	Problemas de intimidade	38,5 (10,6)		31,0 (8,3)	< 0,0031
ANCOVA comparando as médias das escalas de traços patológicos da personalidade, controlando pela idade, nível de escolaridade e grau de severidade de sintomas depressivos entre os grupos de mulheres vítimas de VPI (GV) e mulheres controle (GC).					
		GV (<i>n</i> = 176)		GC (<i>n</i> = 193)	<i>p</i>
		<i>M</i> (<i>DP</i>)		<i>M</i> (<i>DP</i>)	
	Rejeição	36,5 (9,0)		38,6 (9,0)	< 0,0031
	Problemas de intimidade	38,5 (10,6)		31,0 (8,3)	< 0,0031
Teste de correlação entre traços patológicos da personalidade com severidade de violência física e sexual.					
		Física (<i>r</i>)	<i>p</i>	Sexual (<i>r</i>)	<i>p</i>
	Afeto negativo	0,30	< 0,010	0,36	< 0,001
	<i>Acting out</i>	0,22	< 0,050	0,29	< 0,010
	Características psicóticas	0,42	< 0,001	0,37	< 0,001
	Controle hostil	0,15	n.s.	0,20	< 0,050
	Pensamento suicida	0,29	< 0,010	0,39	< 0,001
6	Problemas com álcool	0,27	< 0,010	0,18	n.s.
	Controle da raiva	0,31	< 0,010	0,31	< 0,010
Regressão múltipla (<i>setpwise</i>) predizendo violência física pelos traços patológicos da personalidade.					
		<i>B</i>			<i>p</i>
	Características psicóticas	0,40			< 0,001
	Problemas com álcool	0,23			< 0,010

	Controle da raiva	0,19		< 0,050
	Regressão múltipla (<i>stepwise</i>) predizendo violência sexual pelos traços patológicos da personalidade.			
		<i>B</i>		<i>p</i>
	Pensamento suicida	0,35		< 0,001
	Afeto negativo	0,30		< 0,010
	Alienação	0,20		< 0,050
	Regressões múltiplas predizendo violência no relacionamento pelos traços patológicos da personalidade.			
		<i>B</i>		<i>p</i>
	Evitação da intimidade	0,13		< 0,010
7	Retraimento	-0,11		< 0,050
	Insensibilidade	0,22		< 0,001
	Crenças e experiências incomuns	0,10		< 0,050
	Distanciamento	0,16		< 0,001
	Antagonismo	0,10		< 0,010
	Regressão múltipla predizendo vitimização por VPI pelos traços de personalidade.			
8		<i>B</i>		<i>p</i>
	Extroversão	0,04		< 0,050
	Neuroticismo	0,11		< 0,010
	ANCOVA comparando as médias das escalas de temperamento e de caráter da personalidade, controlando pelo nível educacional, entre os grupos de mulheres vítimas de VPI (GV) e mulheres controle (GC).			
		GV (<i>n</i> = 50)	GC (<i>n</i> = 50)	
		<i>M</i> (<i>EP</i>)	<i>M</i> (<i>EP</i>)	
9	Evitação de danos	109,3 (1,7)	98,8 (2,2)	< 0,050
	Dependência de recompensa	97,4 (1,8)	105,3 (1,3)	< 0,010
	Autodirecionamento	127,1 (2,7)	144,6 (2,6)	< 0,001
	Autotranscendência	82,7 (1,6)	77,9 (1,4)	< 0,010
	Teste de correlação entre traço de personalidade borderline com severidade de sintomas de estresse pós-traumático (TEPT) devido à VPI.			
		Borderline (<i>r</i>)		<i>p</i>
	Revivência	0,24		< 0,001
	Evitação/estupor	0,31		< 0,001
10	Hipervigilância	0,22		< 0,010
	Sintomas de TEPT	0,30		< 0,001
	Modelo <i>path</i> predizendo sintomas de TEPT por VPI pelo traço de personalidade borderline.			
		<i>B</i>		<i>p</i>
	TEPT	0,24		< 0,001

Modelo *path* predizendo os grupos de sintomas de TEPT por VPI pelo traço de personalidade borderline

	<i>B</i>	<i>p</i>
Revivência	0,18	< 0,050
Evitação/estupor	0,27	< 0,001
Hipervigilância	0,17	< 0,050

Nota. VCM – violência contra a mulher; VPI – violência por parceiro íntimo.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo revisar a literatura relacionada aos fatores de personalidade de mulheres vítimas de VPI dos últimos 20 anos, com o intuito de identificar as características psicológicas que podem exercer um papel de risco ou de proteção para esse fenômeno. Com base na metodologia empregada para a busca de artigos e na aplicação dos critérios de seleção, 10 artigos foram lidos e analisados na íntegra. De modo geral, podemos observar que os achados nesses estudos demonstram que a personalidade desempenha um papel ativo nas experiências de relacionamento amoroso (Coolidge & Anderson, 2002; Hines, & Saudino, 2008).

A quantidade de artigos recuperados por ano (cerca de um ou dois) pode indicar, entre outras coisas, uma carência de pesquisas sobre o tema. Considerando a quantidade de publicações por períodos de cinco anos, foi possível observar um crescimento do interesse da comunidade científica pelo tema nos últimos cinco anos. É provável que esse aumento esteja relacionado a busca por um melhor entendimento sobre o papel da personalidade no contexto da VCM por parceiros íntimos. Parece estar havendo uma busca pela compreensão de como as características saudáveis da personalidade de mulheres vítimas de VPI atuam como fatores de proteção e minimizam os riscos dessas mulheres a se exporem a múltiplos relacionamentos abusivos (Coolidge & Anderson, 2002; Hines, & Saudino, 2008). Ainda, parece que a comunidade científica está interessada em verificar se traços patológicos da personalidade podem ser fatores de risco para essa exposição (Coolidge & Anderson, 2002).

Para os autores Reid et al. (2002), a personalidade pode atuar em um relacionamento de duas maneiras: primeiro, pode ajudar a determinar qual estilo interativo será usado para iniciar um diálogo e, em segundo lugar, pode ajudar a servir como um "filtro de leitura" que contribui para a interação e maneira em que os comportamentos do parceiro serão percebidos e interpretados. As situações de conflito fornecem várias opções de resposta e a escolha de resposta particular da vítima pode depender dos traços de sua personalidade. Desse modo, entende-se que a personalidade é um construto vital para a compreensão das experiências de relacionamentos e, portanto, deve ser estudada para melhor

compreender o fenômeno dos comportamentos agressivos em relacionamentos amorosos. Essa perspectiva contraria o que era pensado no passado, em que se evitava esse tipo de estudo por medo de culpabilizar as vítimas (Ørke et al., 2018). Além disto, outros autores também questionam se estudos com enfoques exclusivamente intra individuais não direcionaria os profissionais, envolvidos no manejo clínico a mulheres vítimas de violência, a reduzir o problema e desconsiderar todo o contexto machista e opressor em que as mulheres estão inseridas (Bel & Naugle, 2008; Jacobucci, 2004). Com os dados alarmantes sobre VCM, é importante estudar as diversas facetas envolvidas nesse fenômeno, mas também é necessário destacar que a VPI é um fenômeno complexo e que envolve diversas variáveis socioculturais para além dos aspectos intrasubjetivos. Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender as características de personalidade de mulheres vítimas de VPI com o intuito de compreender como o conhecimento dessa dimensão pode ajudar no processo terapêutico de mulheres vítimas de VPI e na prevenção a múltiplas exposições a relacionamentos abusivos.

A partir da análise dos resultados obtidos na presente revisão integrativa da literatura é possível compreender que aspectos da personalidade das mulheres estão associados à manutenção de relacionamentos abusivos. Os resultados, de modo geral, apontam que as relações íntimas se destacam como um importante contexto de expressão da personalidade (Reid et al., 2002). Um dos achados marcantes nos estudos analisados foi a necessidade dos pesquisadores em justificar a razão de estarem conduzindo esse tipo de pesquisa, como se fosse algo antiético (Coolidge & Anderson, 2002; Ørke, Vatnar, & Bjørkly, 2018). Cita-se como exemplo o trecho a seguir: “Se algum comportamento da vítima desempenhou um papel influente em um incidente de vitimização é uma questão empírica. Se o comportamento da vítima é digno de culpa é uma questão moral para o sistema legal e para a opinião pública” (Hines & Saudino, 2016 apud Felson, 2002 p. 600). Esse trecho reflete a evitação feita por anos para estudar a personalidade das mulheres vítimas de violência, por medo de culpabilizá-las e negligenciar os aspectos socioculturais e econômicos envolvidos. A intenção atual é levantar informações que sejam relevantes para subsidiar programas de prevenção e intervenção baseados em evidências empíricas.

Em relação aos métodos empregados para a avaliação das características de personalidade das mulheres vítima de VPI, os 10 artigos analisados indicaram a preferência por abordagens transversais, embora tenha sido observada uma grande heterogeneidade nos modelos de mensuração da personalidade utilizados. Alguns estudos visaram identificar traços gerais da personalidade enquanto outros focaram nos traços patológicos da personalidade. Porém, mesmo com as variadas terminologias encontradas, é possível identificar certa interação entre os resultados. Por exemplo, é possível pensar que os estudos que observaram traços da sintomatologia *borderline* e de elevada extroversão nas mulheres vítimas de VPI, podem estar refletindo um aspecto comum desses traços, como a impulsividade, por exemplo.

Um outro ponto relevante a ser destacado é a escassez de estudos que exploram a associação dos tipos específicos de violência (física, psicológica ou sexual) com as características de personalidade. Mesmo os estudos que incluíram a coleta dos diferentes tipos de vitimização, os resultados destacaram apenas os aspectos relacionados à violência física. Essa generalização torna a categoria de VPI psicológica negligenciada. Sabe-se que a VPI psicológica tem um efeito danoso no bem-estar dos casais e também é reconhecida como precursora de outras formas de violência nos relacionamentos (Silva et al., 2007). Nesse sentido, identificar as características de personalidade das mulheres vítimas de VPI psicológica, além de contribuir para a compreensão de como esses variados tipos de violência se articulam, também corrobora com o reconhecimento do impacto deletério que esse tipo de violência tem sobre as vítimas (Silva et al., 2007).

Dadas as características dos estudos, considerando os diferentes modelos teóricos empregados e as diversas abordagens de coleta utilizadas, fica difícil estabelecer com clareza quais são os traços de personalidade que se mostraram associados à VPI. Contudo, pode-se pensar que em termos dos traços gerais da personalidade as mulheres vítimas de VPI apresentam altos escores em abertura, neuroticismo, extroversão, conscienciosidade e baixos escores em agradabilidade, dependência de recompensa e autodirecionamento. São mulheres mais propensas a se exporem a riscos e a possuírem mais traços depressivos. Quando se trata de traços patológicos, observou-se nesta revisão que as

mulheres vítimas de VPI tendem a apresentar níveis clinicamente mais elevados de traços de personalidade *borderline*, autodestrutivas, dependente, esquizoide e esquizótipica, paranoide, passivo-agressiva e esquiva. Parece que existem algumas características comuns às vítimas que podem levá-las à situação de VPI. Porém, também há uma diversidade de variáveis e definições usadas entre os estudos e, portanto, não há como estabelecer um perfil único, visto os resultados desses perfis terem sido tão heterogêneos.

Conclusão

Nesta revisão integrativa da literatura não há evidências de um único perfil específico como fator associado a exposição de mulheres a relacionamentos abusivos. Porém, os resultados demonstram a importância e necessidade de se tratar as mulheres vítimas de VPI considerando suas necessidades específicas, em vez de atendê-las como um grupo uniforme. Compreender os aspectos intra individuais das vítimas contribui para que os profissionais adotem estratégias que tornem essas mulheres conscientes das características que podem protegê-las ou vulnerabilizá-las a situações de violência.

A violência contra a mulher no Brasil cresce a cada dia, mas mesmo assim, chama a atenção a inexistência de pesquisas relacionadas às características de personalidade de mulheres vítimas de VPI, que estejam indexadas nos bancos de dados utilizados neste estudo. Apesar do pequeno número de pesquisas encontradas, os resultados trouxeram importantes contribuições, mas ainda é importante a necessidade de novas pesquisas que possibilitem o conhecimento acerca do funcionamento da personalidade considerando as dimensões centrais, a saber, a identidade, autodirecionamento, empatia e intimidade. Instrumentos que fazem esse tipo de avaliação permitem examinar as dimensões deficitárias e estabelecer o nível de funcionamento da personalidade do sujeito. Ainda, seria recomendado, em estudos longitudinais, verificar se os traços patológicos da personalidade apareceram antes ou depois da exposição á VPI. Os estudos sugerem que as características de personalidade encontradas nas mulheres vítimas de relações abusivas podem predispor-las a

continuarem se expondo ou a ser expor mais de uma vez á essas relações. Porém, essas características podem também ser respostas a seus parceiros violentos a fim de se adaptar e sobreviver (Sá & Werlang, 2013).

Referências

- Avdibegovic, E., Brkic, M., & Sinanovic, O. (2017). Perfil emocional das mulheres vítimas de violência doméstica. *Materia socio-medica*, 29(2), 109-113.
[http://doi: 10.5455/msm.2017.29.109-113](http://doi:10.5455/msm.2017.29.109-113)
- Beck, J. G., Woodward, M. J., Pickover, A. M., Lipinski, A. J., Dodson, T. S., & Tran, H. N. (2019). Does a history of childhood abuse moderate the association between symptoms of posttraumatic stress disorder and borderline personality disorder in survivors of intimate partner violence?. *Journal of clinical psychology*, 75(6), 1114-1128.
<https://doi.org/10.1002/jclp.22756>
- Bell, K. M., & Naugle, A. E. (2008). Intimate partner violence theoretical considerations: Moving towards a contextual framework. *Clinical psychology review*, 28(7), 1096-1107.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2008.03.003>
- Coolidge, F.L., & Anderson, L.W. (2002). Personality profiles of women in multiple abusive relationships. *Journal of Family Violence*, 17(2), 117-131.
<https://doi.org/10.1023/A:1015005400141>
- Dillon, G., Hussain, R., Loxton, D., & Rahman, S. (2013). Mental and physical health and intimate partner violence against women: a review of the literature. *International Journal of Family Medicine*, 2013, Article ID 313909, 15 pages. <https://doi.org/10.1155/2013/313909>.
- Dowgwillo, E. A., Ménard, K. S., Krueger, R. F., & Pincus, A. L. (2016). DSM-5 pathological personality traits and intimate partner violence among male and female college students. *Violence Victims*, 31(3), 416-437. <http://doi:10.1891/0886-6708.VV-D-14-00109>

- El Moez, K. A., Elysed, M., Yousef, I., Eldeen, A. W., & Ellithy, W. (2014). Psychosocial characteristic of female victims of domestic violence. *Egyptian Journal of Psychiatry*, 35(2), 1050113. [http://doi: 10.4103/1110-1105.134197](http://doi:10.4103/1110-1105.134197)
- Hines, D. A., & Saudino, K. J. (2008). Personality and intimate partner aggression in dating relationships: the role of the “Big Five”. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 34(6), 593-604. <https://doi.org/10.1002/ab.20277>
- Jacobucci, P. G. (2004). Estudo psicossocial de mulheres vítimas de violência doméstica, que mantêm o vínculo conjugal após terem sofrido as agressões. (Dissertação de mestrado). <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/310650>
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.* Lei Maria da Penha. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.* Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm.
- Menahem, K., & Czobor, P. (2004). Gender differences in violent behaviors: relationship to clinical symptoms and psychosocial factors. *American Journal of Psychiatry*, 161(3), 459-465. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.161.3.459>

- Moreira, P. A., Pinto, M., Cloninger, C. R., Rodrigues, D., & Da Silva, C. F. (2019). Understanding the experience of psychopathology after intimate partner violence: the role of personality. *PeerJ*, 7, e6647. <http://doi:10.7717/peerj.6647>
- Organização Pan Americana da Saúde (OPAS) - Organização Mundial da Saúde (OMS), (2015). 54.º conselho diretor 67.ª sessão do comitê regional da OMS para as Américas. Estratégia e plano de ação para o reforço do sistema de saúde para abordar a violência contra a mulher.
- Ørke E. C., Vatnar S. K. B., & Bjørkly S. (2018). Risk for revictimization of intimate partner violence by multiple partners: a systematic review. *Journal of Family Violence*, 33(5), 325-339. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-9952-9>
- Pico-Alfonso, M. A., Echeburúa, E., & Martinez, M. (2008). Personality disorder symptoms in women as a result of chronic intimate male partner violence. *Journal of Family Violence*, 23(7), 577-588. <https://doi.org/10.1007/s10896-008-9180-9>
- Porcerelli, J. H., Hurrell, K., Cogan, R., Jeffries, K., & Markova, T. (2015). Personality Assessment Screener, childhood abuse, and adult partner violence in African American women using primary care. *Assessment*, 22(6), 749-752. <http://doi:10.1177/1073191115606213>
- Reid, R. J., Bonomi, A. E., Rivara, F. P., Anderson, M. L., Fishman, P. A., Carrell, D. S., & Thompson, R. S. (2008). Intimate partner violence among men: Prevalence, chronicity, and health effects. *American Journal of Preventive Medicine*, 34(6), 478-485. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2008.01.029>
- Sá, S. D., & Werlang, B. S. G. (2013). Personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 6(2), 106-116. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.62.04>
- Sansone, R. A., Wiederman, M. W., & Sansone, L. A. (1998). The Self-Harm Inventory (SHI): Development of a scale for identifying self-destructive behaviors and borderline personality disorder. *Journal of Clinical Psychology*, 54, 973-983. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4679\(199811\)54:7<973::AID-JCLP11>3.0.CO;2-H](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4679(199811)54:7<973::AID-JCLP11>3.0.CO;2-H)

- Silva, L. L. da, Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. de. (2007). Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93-103. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>
- Straus, M. A. (1979). Measuring intra-family conflict and violence: The Conflict Tactics Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 75–88. <https://doi.org/10.2307/351733>
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283–316. <http://dx.doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Thornton, A. J., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2016). Intimate partner violence: Are the risk factors similar for men and women, and similar to other types of offending?. *Aggressive behavior*, 42(4), 404-412. <https://doi.org/10.1002/ab.21635>
- Tyrer, P., Reed, G. M., & Crawford, M. J. (2015). Classification, assessment, prevalence, and effect of personality disorder. *The Lancet*, 385(9969), 717-726. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)61995-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(14)61995-4)
- Torres, A., Garcia-Esteve, L., Navarro, P., Tarragona, M. J., Imaz, M. L., Ascaso, C., ... & Martín-Santos, R. (2013). Relationship between intimate partner violence, depressive symptomatology, and personality traits. *Journal of Family Violence*, 28(4), 369-379. <https://doi.org/10.1007/s10896-013-9502-4>
- Ulloa, E. C., Hammett, J. F., O’Neal, D. N., Lydston, E. E., & Aramburo, L. F. L. (2016). The big five personality traits and intimate partner violence: Findings from a large, nationally representative sample. *Violence and victims*, 31(6), 1100-1115. <http://doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-15-00055>
- Waiselfisz, J. J. (2015). *Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Flasco.
- Zaleski, M., Pinsky, I., Laranjeira, R., Ramisetty-Mikler, S., & Caetano, R. (2010). Violência entre parceiros íntimos e consumo de álcool. *Revista de Saúde Pública*, 44, 53-59.

Estudo II: Traumas Infantis, Funcionamento da Personalidade, Autoconceito Feminino e Experiências de Amor em Mulheres Vítimas de Violência

Resumo

A violência por parceiro íntimo (VPI) continua sendo um grave problema de saúde pública. Autores sugerem que a VPI pode ser enfrentada a partir de políticas públicas estruturadas que envolvam dimensões como: contextos familiares, contexto socioeconômico, aspectos intraindividuais e socioculturais. Os objetivos desse estudo foram investigar as associações das variáveis socioculturais e intra individuais a exposição de mulheres à VPI. A coleta da pesquisa foi realizada predominantemente *online* através de um formulário virtual com questionários e instrumentos referentes a cada variável. 330 mulheres participaram deste estudo. Os resultados mostraram que as variáveis socioculturais não desempenharam, no geral, influências significativas sobre o fenômeno da VPI. Em relação ao impacto das variáveis intraindividuais, as vivências traumáticas na infância, o autoconceito feminino e as experiências de amor e o funcionamento mau adaptativo da personalidade, exerceram importantes papéis nas experiências de violência na adultez. Esses resultados podem ser importantes para orientar os profissionais de saúde no manejo clínico de mulheres vítimas de VPI e estimular que esse fenômeno seja compreendido a partir da complexidade que ele exige.

Palavras-chave: experiências traumáticas na infância, personalidade, amor, autoconceito feminino, violência por parceiro íntimo

Abstract

Intimate partner violence (IPV) remains a serious public health problem. Authors suggest that IPV can be tackled based on structured public policies that involve dimensions such as: family contexts, socio-economic context, intra-individual and socio-cultural aspects. The objectives of this study were to investigate the associations of socio-cultural and intra-individual variables with women's exposure to IPV. The research was collected predominantly online through a virtual form with questionnaires

and instruments for each variable. 330 women participated in this study. The results showed that the socio-cultural variables did not, in general, have significant influences on the IPV phenomenon. Regarding the impact of intra-individual variables, traumatic childhood experiences, female self-concept and love experiences and poor adaptive personality functioning, played important roles in the experiences of violence in adulthood. These results can be important to guide health professionals in the clinical management of women victims of IPV and encourage this phenomenon to be understood from the complexity that it requires.

Keywords: traumatic childhood experiences, personality, love, female self-concept, intimate partner violence

Traumas Infantis, Funcionamento da Personalidade, Autoconceito Feminino e Experiências de Amor em Mulheres Vítimas de Violência

A violência contra mulheres (VCM) é um grave problema de saúde pública. Segundo os dados do Instituto Maria da Penha, a cada 7,2 segundos uma mulher é vítima de violência física no Brasil (Relógio da Violência, 2017). Em 2018, a cada seis horas uma mulher foi morta dentro da sua própria casa (Alves et al., 2020). Esse número é 2,7 vezes maior comparado ao de óbitos de homens em residência. E também reflete a dimensão da violência de gênero e, em particular, do feminicídio (Alves et al., 2020). A grande parte dessas violências são perpetradas por parceiros íntimos ou ex-parceiros íntimos (VPI) (Sá, & Werlang, 2013). Schwarcz (2019) indica que a única forma de enfrentar a violência de gênero é a partir de políticas públicas bem estruturadas. Essas políticas precisam envolver diversas dimensões como: contextos familiares, contexto socioeconômico, aspectos intraindividuais e socioculturais.

Várias teorias, para compreender o fenômeno da violência por parceiro íntimo (VPI), foram propostas ao longo dos anos e oferecem diferentes perspectivas explicativas desse fenômeno (Bell & Naugle, 2008). Entre essas teorias estão aquelas que postulam que as raízes da violência derivam da estrutura familiar. Crianças que vivem em ambientes onde há conflito familiar tendem a desenvolver aceitação social da violência e desigualdade de gênero, o que pode resultar na contínua aceitação da violência enquanto adultas (Margolim, 1998). Com base na teoria de aprendizagem social (Bandura, 1973), a hipótese é que essas crianças, ao vivenciarem desequilíbrios de poder entre os pais, aprendem que é normal usar a violência para resolver conflitos (Vieira et al., 2010). Uma outra abordagem muito utilizada para compreender o aumento da suscetibilidade de uma pessoa sustentar a VPI no decorrer da vida, tem sido a identificação das características psicopatológicas e de personalidade (Coolidge, & Anderson, 2002). Estudos indicam que a personalidade prediz experiências de relacionamento negativo (Ørke et al., 2018). Mulheres vítimas de relações abusivas tendem a possuir características de personalidade patológicas que as impedem de reconhecer e agir diante de situações abusivas (Sá & Werlang, 2013). Isso ocorre devido ao escasso repertório de recursos psicológicos

para lidar com essas situações cotidianas (Madalena et al., 2015). Nesse sentido, esses estudos indicam que o conhecimento do funcionamento da personalidade de mulheres vítimas de VPI pode contribuir para que profissionais adotem estratégias de orientação às vítimas sobre características que as colocam em situações de vulnerabilidade ou proteção (Madalena et al., 2015; Ørke et al., 2018; Sá & Werlang, 2013).

Uma outra perspectiva, que vem buscando há muito tempo compreender o contexto sociocultural por detrás das relações violentas, é a abordagem feminista. Essa perspectiva defende que o sexismo e a desigualdade feminina são as principais causas da VPI (Bell & Naugle, 2008). Segundo Schwarcz (2019), as crenças sobre o feminino são baseadas em valores patriarcais. Ao longo da história, foram consolidados códigos de conduta, onde o privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a objetificação dos seus corpos, se internalizaram na sociedade (Schwarcz, 2019). Essas assimetrias de gênero induzem o estabelecimento de modelos violentos de relacionamento entre os sexos. Muitas mulheres introjetaram a dominação masculina como algo natural e não conseguem romper com a situação de violência e opressão em que vivem (Araújo, 2008).

Contudo, além desses aspectos socioculturais, é necessário também compreender as crenças sobre o amor. O amor pode ser compreendido a partir das experiências simultânea dos estados internos dos indivíduos e da matriz sociocultural onde se inserem (Sternberg, 2006). Sternberg (1997) identificou, a partir da teoria triangular do amor, três componentes que caracterizam o sentimento de amor, são eles: intimidade, compromisso e paixão. O modo como esses componentes se organizam internamente nos sujeitos podem predizer a satisfação conjugal (Sternberg, 2006). Porém, é preciso estar atento para o contexto histórico que o amor está inserido. Diversas formas de amar foram sendo construídas ao longo do tempo. Atualmente, a cultura é marcada pela idealização do amor romântico, conceito de amor que foi criado pela cultura ocidental. Nesse estilo de amor há a idealização do parceiro, assim como a concepção de alma gêmea, de modo que, por mais que haja abusos recorrentes entre os companheiros, em nome do amor se pode corrigir e equilibrar tudo (Lins, 2018).

Cada uma dessas teorias influenciaram a pesquisa sobre VPI, e muitas encontraram algum grau de suporte experimental, porém o fenômeno da VCM é complexo. Estudos apontam que essas teorias isoladas são limitadas em seu poder explicativo dos episódios de VPI e em sua capacidade de impactar significativamente a eficácia dos programas de prevenção e tratamento da VPI (Bell & Naugle, 2008; Straus, 2006). É importante destacar que as teorias e instrumentos utilizados, neste estudo, podem ser considerados antagônicos em sua forma de abordar o fenômeno da VPI. Essas diferentes abordagens carecem em sua capacidade de explicar descobertas aparentemente contraditórias e por essa limitação o objetivo desta pesquisa foi investigar empiricamente como essas teorias individualmente se correlacionam com as experiências de violência. Os objetivos deste estudo, portanto, foram analisar a relação de experiências traumáticas na infância com a exposição de mulheres a relacionamentos abusivos e a associação dos domínios do funcionamento patológico da personalidade com as experiências de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos. Foram também objetivos deste estudo verificar a associação do autoconceito feminino com o fenômeno da VCM, assim como as experiências de amor se associam com a violência.

Método

Participantes

Participaram deste estudo mulheres com idades a partir de 18 anos e que possuíam, no mínimo, ensino fundamental incompleto, mas com habilidades preservadas de leitura e escrita. Um total de 330 mulheres participaram da pesquisa e as características da amostra são apresentadas na Tabela 2.1.

Tabela 2. 1: Características Sociodemográficas das Mulheres Participantes do Estudo

Variáveis	Mínimo/Máximo	Média±Desvio-Padrão
Idade ($n = 330$)	18/72	31,2±9,45
Quantidade de Filhos ($n = 125$)	1/5	1,62±0,77
Com quantas pessoas moram ($n = 330$)	0/10	2,25±1,45
	<i>f</i>	%
Filhos ($n = 330$)		
- Sim	125	37,9

- Não	205	62,1
Ocupação (<i>n</i> = 330)		
- Estuda	77	23,3
- Trabalha	140	42,4
- Desempregada	20	6,1
- Do lar	13	3,9
- Aposentada	3	0,9
- Licença maternidade	6	1,8
- Licença saúde	5	1,5
Escolaridade (<i>n</i> = 330)		
- Ensino Fundamental Incompleto	1	0,3
- Ensino Fundamental Completo	3	0,9
- Ensino Médio Incompleto	6	1,2
- Ensino Médio Completo	31	9,4
- Ensino Superior Incompleto	82	24,8
- Ensino Superior Completo	72	21,8
- Pós Graduação Incompleta	37	11,2
- Pós Graduação Completa	98	29,7
Estado Civil (<i>n</i> = 330)		
- Solteira	162	49,1
- Casada ou morando junto (união estável)	123	37,3
- Divorciada ou separada	25	7,6
- Viúva	1	0,3
- Outro	19	5,8
Dependência Financeira (<i>n</i> = 330)		
- Sim	154	46,7
- Não	176	53,3
Fonte de dependência financeira (<i>n</i> = 185)		
- Esposo, companheiro, namorado	57	37
- Pais, avós, tios	109	70,8
- Filhos	1	0,6
- Governo	13	8,4
- Outros	5	3,2
Mulheres que possuem salário (<i>n</i> = 330)		
- Sim	230	69,7
- Não	100	30,3
Avaliação do dinheiro que recebe (<i>n</i> = 230)		
- Não tenho salário	95	41,3
- Eu consigo viver bem com meu dinheiro	71	30,9
- Meu dinheiro é suficiente somente para o mês	49	21,3
- Meu dinheiro não dá para pagar as contas	15	6,5
Valor do salário (<i>n</i> = 330)		
- Até R\$ 998,00 (até um salário mínimo)	29	12,6
- De R\$ 998,01 a R\$ 1.996,00	60	26,1
- De R\$ 1.996,01 a R\$ 4.990,00	68	29,6
- De R\$ 4.990,01 a R\$ 9.980,00	45	19,6
- De R\$ 9.980,01 a R\$ 14.970,00	17	7,4
- De R\$ 14.970,01 a R\$ 19.960,00	6	2,6
- De R\$ 19.960,00 a R\$ 29.940,00	4	1,7
- Mais de R\$ 29.940,00	1	0,4
Renda Familiar (<i>n</i> = 330)		
- Até R\$ 998,00 (até um salário mínimo)	19	5,8
- De R\$ 998,01 a R\$ 1.996,00	34	10,3
- De R\$ 1.996,01 a R\$ 4.990,00	91	27,6
- De R\$ 4.990,01 a R\$ 9.980,00	84	25,5
- De R\$ 9.980,01 a R\$ 14.970,00	54	16,4
- De R\$ 14.970,01 a R\$ 19.960,00	17	5,2
- De R\$ 19.960,00 a R\$ 29.940,00	18	5,5
- Mais de R\$ 29.940,00	13	3,8

Instrumentos

Questionário sociodemográfico (anexo 3): Foi elaborado um questionário para coleta de dados sociodemográficos para a caracterização da amostra e caracterização da violência (as variáveis estão dispostas nas Tabelas 2.1 e 2.2).

Instrumentos Para a Caracterização da Violência Contra a Mulher

World Health Organization Violence Against Women (WHO VAW): Para esta pesquisa, foi usada a seção 7 da entrevista desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde [OMS] para a investigação da saúde da mulher e de violência doméstica (World Health Organization [WHO], 2003). Essa seção conta com 13 questões que visam a caracterização de três tipos de violência: psicológica (com quatro questões abordando insultos, humilhações, intimidações e ameaças); física (com seis questões que incluem tapas, empurrões, socos, chutes, estrangulamento e ameaça ou uso de armas); e sexual (com três questões que se referem a sexo por força física, sexo por medo e sexo humilhante). Considera-se caso de violência quando ocorrer ao menos uma resposta positiva a qualquer uma das 13 questões. Esse instrumento (anexo 5) foi traduzido e adaptado à cultura brasileira por Schraiber et al. (2010) em parceria com a OMS (WHO, 2015). Estudos psicométricos da versão brasileira indicam sua adequação para uso no Brasil (Jansen et al., 2004; Ribeiro et al., 2014; Schraiber et al., 2010). Os índices de confiabilidade das escalas, pelo método do alfa de Cronbach, foram de 0,76 e 0,82 para as escalas de Violência Geral (13 itens), de 0,76 e 0,79 para Violência Psicológica (4 itens), de 0,76 e 0,85 para Violência Física (6 itens) e de 0,65 e 0,82 para Violência Sexual (3 itens) (Ribeiro et al., 2014). As questões da entrevista foram adaptadas para o formato de autorrelato neste estudo.

Questionário sobre Comportamentos de Controle (QCC): Foi usado nesta pesquisa o questionário sobre comportamentos de controle produzido pela OMS (World Health Organization, 2003) e conduzido, no Brasil, em parceria com faculdade de medicina da Universidade de São Paulo (Schraiber et al., 2010). O questionário (anexo 3) é formado por sete itens que investigam se há ou houve práticas abusivas praticadas por parceiros íntimos. Essas práticas abusivas são caracterizadas por comportamentos de controle por parte do parceiro íntimo e envolvem restringir o contato da

parceira com amigos e/ou familiares, atitudes persecutórias, indiferença, ciúmes e controle sobre a saúde da parceira. Os itens podem ser respondidos a partir de uma escala *Likert* de cinco pontos (1 – nunca, 2 – poucas vezes, 3 – às vezes, 4 – muitas vezes, e 5 – sempre), sendo que altos escores indicam elevada prevalência de comportamentos de controle experimentado na relação amorosa/sexual.

Instrumento Para Caracterização de Violências Vividas na Infância

Questionário Sobre Traumas na Infância (QUESI): Essa é a versão em português do *Childhood Trauma Questionnaire* (CTQ; Bernstein et al., 2003), que é um instrumento autoaplicável em adolescentes e adultos que investiga a história de abuso e negligência durante a infância. O instrumento contém 28 assertivas relacionadas a situações ocorridas na infância e servem para mensurar cinco formas de abuso, a saber, abuso emocional (5 itens), abuso físico (5 itens), abuso sexual (5 itens), negligência emocional (7 itens) e negligência física (3 itens). As assertivas são respondidas em uma escala de cinco pontos (1 – nunca, 2 – poucas vezes, 3 – às vezes, 4 – muitas vezes, e 5 – sempre) (Grassi-Oliveira et al., 2006). O QUESI (anexo 4) foi adaptado para o Brasil (Grassi-Oliveira et al., 2006) e tem apresentado evidências de validade para a investigação de história de maus-tratos infantis em adultos (Grassi-Oliveira et al., 2014; Seganfredo et al., 2009). Os coeficientes de consistência interna das escalas têm se mostrado adequados, com alfa de Cronbach de 0,80 para Abuso Emocional, 0,80 para Abuso Físico, 0,90 para Abuso Sexual e 0,91 para Negligência Emocional, sendo a exceção a escala de Negligência Física com alfa de 0,46 (Grassi-Oliveira et al., 2014).

Instrumento Para Identificação do Nível de Funcionamento da Personalidade das Mulheres

Personality Functioning Inventory for DSM-5 (PFID-5): Instrumento que investiga o funcionamento da personalidade conforme o critério A do modelo alternativo dos transtornos da personalidade descrito na quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-5; American Psychiatric Association, 2014). O instrumento oferece estimativas acerca dos subdomínios dos quatro domínios principais do funcionamento da personalidade, a saber, identidade, autodirecionamento, empatia e intimidade. A versão do PFID-5 (anexo 6) utilizada neste estudo é

uma versão experimental composta por 120 itens, que são respondidos em uma escala de quatro pontos (0 – nunca, 1 – às vezes, 2 – frequentemente, e 3 – sempre). Quanto maiores os escores, mais prejudicados são os níveis de funcionamento da personalidade nos subdomínios do modelo. O PFID-5 foi construído no Brasil e está em estudos de validação.

Instrumento Para Estimação do Autoconceito Feminino

Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA): instrumento desenvolvido por Giavoni e Tamayo (2005) para avaliação dos esquemas de gênero do autoconceito de mulheres. O instrumento é composto por 75 itens, que são avaliados em uma escala de resposta de cinco pontos (0 – não se aplica e 4 – aplica-se totalmente). O esquema masculino é estabelecido em três fatores, a saber, Arrojamento (17 itens, alfa de Cronbach de 0,87), Egocentrismo (12 itens, alfa de 0,83) e Negligência (7 itens, alfa de 0,73). O esquema feminino também é constituído por três fatores: Sensualidade (11 itens, alfa de Cronbach de 0,92), Inferioridade (16 itens, alfa de 0,82) e Ajustamento Social (12 itens, alfa de 0,77) (Giavoni & Tamayo, 2005). Para a presente pesquisa, com o objetivo de diminuir o tamanho do protocolo do estudo, foram utilizados somente os cinco itens com maior carga fatorial de cada fator do IFEGA (anexo 8) conforme reportado no estudo de Giavoni e Tamayo (2005). Dessa forma, a versão usada no presente estudo foi composta por 30 itens. Este instrumento permite identificar como as mulheres percebem a si mesmas, considerando perfis considerados masculinos e aqueles femininos. Escores mais altos em cada fator indicam elevados níveis de identificação com as características descritas.

Instrumento Para Aferição das Experiências de Amor Romântico/Sexual

Escala Triangular do Amor de Sternberg – Versão Reduzida (ETAS-R): Instrumento adaptado para o português brasileiro por Cassepp-Borges e Teodoro (2007) da *Triangular Love Scale* (Sternberg, 1997). A versão reduzida utilizada foi a de Andrade et al. (2013) e consta de 16 itens que são respondidos em uma escala de 5 pontos na qual 1 representa “discordo fortemente” e 5 representa “concordo fortemente” (anexo 7). Os fatores da ETAS-R fornecem medidas das vivências de

Intimidade (alfa de Cronbach de 0,87), Paixão (alfa de 0,81) e Decisão/Compromisso (alfa de 0,86) (Andrade et al., 2013). Escores elevados indicam maiores níveis dessas experiências amorosas.

Procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília (anexo 9) - CAAE: 15596619.1.0000.5540 - a coleta iniciou presencialmente em duas instituições. A estratégia era formar dois grupos, 30 mulheres (grupo clínico) seriam provenientes da Delegacia da Mulher da cidade de Goiânia e 30 mulheres (grupo controle) seriam provenientes do quadro de funcionárias de uma clínica de fisioterapia. Contudo, na delegacia, por a pesquisa ser extensa e demandar muito tempo, a coleta ficou onerosa para as mulheres e foi interrompida. Nesse sentido, optou-se por fazer a coleta predominantemente *online*. Mulheres brasileiras foram convidadas a participar por meio de divulgações nas mídias sociais. As mulheres que aceitaram participar da investigação foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e posteriormente preencheram o formulário online. No TCLE Na coleta, as participantes só tiveram acesso ao questionário após concordar com o TCLE (anexo 1 e 2) que foi disponibilizado por meio digital. No TCLE foi divulgado um *e-mail*, criado com o intuito de ser um canal de diálogo entre as participantes e os pesquisadores, caso houvesse mobilização emocional devido a sensibilidade do tema. Para a coleta dos dados no formato online foi utilizada a plataforma Form (Arslan et al., 2020)

Análise dos Dados

Os dados foram analisados, inicialmente, a partir de uma estatística descritiva com a finalidade de identificar a forma de distribuição das variáveis na amostra. Foram examinados os coeficientes de consistências interna das escalas com o objetivo de verificar a confiabilidade das medidas. Para este estudo, a caracterização da violência por parceiro íntimo (VPI) foi identificada pelos os fatores do instrumento WHO VAW, pela média dos escores aos sete itens do QCC e através

do número de relacionamentos abusivos (QRA) autodeclarados pelas mulheres participantes deste estudo. Para investigar a associação das experiências traumáticas na infância com as experiências de violência na adultez foi realizada análise de correlação entre os fatores do instrumento QUESI e os instrumentos que caracterizaram a VPI. Essa mesma análise de correlação foi utilizada para investigação da associação entre os fatores do PFID-5, que corresponde aos domínios do funcionamento da personalidade, e os instrumentos que caracterizaram a VPI. Também foram feitas análises de correlações para averiguar a relação entre as crenças sobre o amor, a partir do instrumento ETAS-R e as experiências de mulheres vítimas de VPI, assim como para investigar a relação entre o autoconceito feminino, a partir do instrumento IFEGA, com as experiências de mulheres em VPI.

Resultados

Caracterização das Violências Contra as Mulheres

Das 330 mulheres que responderam os questionários de caracterização da violência, 70,9% reportaram estar em um relacionamento amoroso, sendo que 24,2% afirmaram ter sofrido violência pelo atual parceiro. Quando considerada a história de vida, 25,7% das mulheres relataram ter se envolvido em mais de um relacionamento abusivo e 48,2% já sofreram violência pelos ex – parceiros. Em relação aos tipos de violência, 72,1% afirmaram já ter sofrido violência emocional, 38,5% afirmaram já ter sofrido violência física e 29,9% afirmaram já ter sofrido violência sexual. A pesquisa também contemplou a investigação dos comportamentos de controle (CC) exercidos pelo parceiro sobre a mulher e os resultados são apresentados na Tabela 2.2.

Tabela 2. 2: Características das Violências Sofrida pelas Mulheres

	Mínimo/Máximo	Média±Desvio-padrão
Quantidade de relacionamentos amorosos (<i>n</i> = 330)	1/7	4,43±1,73
Comportamentos de Controle do Parceiro (<i>n</i> = 330)		
- Evita que a parceira visite/veja amigos	1/5*	1,68±1,13
- Restringe o contato da parceira com a família	1/5*	1,37±0,89
- Insiste em saber onde a parceira está o tempo todo	1/5*	2,17±1,40
- Ignora e trata a parceira com indiferença	1/5*	2,06±1,31
- Zanga-se se a parceira conversa com outro homem	1/5*	2,25±1,45
- Frequentemente suspeita que a parceira é infiel	1/5*	1,88±1,35
- Exige que a parceira peça permissão a ele antes de procurar um serviço de saúde para ela mesma.	1/5*	1,31±0,92
	<i>f</i>	%
Relacionamento amoroso atual (<i>n</i> = 330)		
- Sim	234	70,9
- Não	96	29,1
Sofre violência pelo atual parceiro (<i>n</i> = 330)		
- Sim	80	24,2
- Não	250	75,8
Frequência de violência pelo atual parceiro (<i>n</i> = 80)		
- Uma única vez	12	15,0
- Poucas vezes	28	35,0
- Muitas vezes	34	42,5
- Quase sempre	6	7,5
Violência de ex-parceiros (<i>n</i> = 330)		
- Sim	159	48,2
- Não	171	51,8
Frequência de violência pelo ex-parceiro (<i>n</i> = 159)		
- Uma única vez	13	8,2
- Poucas vezes	58	36,5
- Muitas vezes	70	44,0
- Quase sempre	18	11,3
Quantidade de relacionamentos abusivos (<i>n</i> = 330)		
- Nenhum	110	33,3
- Um	135	40,9
- Dois	56	17,0
- Três	15	4,5
- Quatro	8	2,4
- Mais de cinco	6	1,8

Nota. * A variação de 1 a 5 corresponde aos pontos da escala de respostas sendo 1 nunca e 5 sempre.

Distribuição das Variáveis do Estudo e Confiabilidade das Medidas Utilizadas

Foram analisadas as médias (*M*) e os desvios-padrão (*DP*) das escalas utilizadas neste estudo de forma a identificar a distribuição das variáveis. Também foram investigados os coeficientes de consistência interna pelo método do alfa de Cronbach e ômega de McDonald. Os resultados podem ser verificados na Tabela 2.3. De acordo com os resultados observados, as consistências internas das escalas na maioria dos casos mostram-se apropriadas, com exceção para os casos que tiveram um alfa menor que 0,60, que ocorreram com os fatores: negligência física da escala QUESI (0,53) e inferioridade da escala IFEGA (0,57).

Considerando que os escores do QUESI podem variar de 1 a 5, é possível observar que o valor médio da amostra ficou acima do ponto médio da escala no fator negligência emocional, indicando que as mulheres tendem a reportar uma relativa frequência de experiências de negligência emocional na infância. A escala de resposta da ETAS-R também varia de 1 a 5 e os valores médios da amostra foram maiores que o ponto médio da escala, sugerindo que as mulheres da amostra tendem a vivenciar sentimentos de intimidade, comprometimento e paixão por seus parceiros amorosos. O IFEGA foi pontuado em uma escala de quatro pontos, variando de 0 a 3, e os valores médios apresentados pela amostra indicaram que as mulheres deste estudo tenderam endossar pouco os fatores sensualidade, inferioridade, egocentrismo e negligência, ao passo que tenderam a endossar mais os fatores de ajustamento social e arrojamento. As médias das mulheres no PFID-5, cuja a escala de resposta também varia de 0 a 3, foram baixas. Isso indica que a amostra tende a apresentar um bom nível de funcionamento da personalidade.

No que se referem às medidas de caracterização da VPI, as médias da amostra nas escalas do WHO VAW foram baixas. Isso significa que em média as mulheres tenderam a reportar menos de uma experiência de VPI. Lembrando que as escalas do WHO VAW representam o somatório de experiências de violência em cada fator avaliado (quatro de violência emocional, seis de violência física e três de violência sexual). A exceção foi para o fator violência emocional cuja a média foi de 1,61, indicando que as mulheres da amostra tenderam a reportar quase duas experiências de violência

emocional perpetrada por seus parceiros íntimos. A média do QCC foi de 1,82, em uma escala que variou de 1 a 5, indicando uma baixa frequência de comportamentos de controle exercidos pelos parceiros íntimos.

Tabela 2. 3: Estatísticas Descritivas das Escalas Utilizadas Neste Estudo e os Correspondentes Coeficientes de Fidedignidade

Escala	<i>M</i>	<i>DP</i>	Alfa	Ômega
QUESI (<i>n</i> = 331)				
Negligência Física	1,38	0,61	0,49	0,53
Negligência Emocional	3,85	0,98	0,89	0,90
Abuso Sexual	1,65	1,01	0,94	0,94
Abuso Físico	1,63	0,80	0,83	0,84
Abuso Emocional	2,46	1,10	0,86	0,86
PIFD-5 (<i>n</i> = 221)				
Senso de self	1,05	0,64	0,79	0,79
Autoestima	1,02	0,74	0,89	0,90
Regulação emocional	1,38	0,67	0,82	0,83
Estabelecimento de objetivos	0,91	0,66	0,65	0,74
Pró-sociabilidade	0,82	0,61	0,77	0,79
Autoreflexão	1,22	0,65	0,85	0,85
Apreciação	0,89	0,52	0,63	0,65
Tolerância	0,83	0,51	0,73	0,75
Cuidado	0,88	0,65	0,79	0,79
Profundidade das relações	0,85	0,64	0,83	0,83
Desejo de relações	0,87	0,44	0,73	0,75
Relações respeitadas	0,64	0,59	0,67	0,68
ETAS-R (<i>n</i> = 221)				
Intimidade	3,88	0,85	0,82	0,83
Compromisso	3,71	0,85	0,86	0,87
Paixão	3,81	1,04	0,88	0,89
IFEGA (<i>n</i> = 215)				
Sensualidade	1,56	0,79	0,86	0,86
Inferioridade	1,37	0,56	0,54	0,57
Ajustamento Social	2,38	0,54	0,70	0,72
Arrojamento	2,26	0,61	0,82	0,83
Egocentrismo	0,90	0,65	0,80	0,81
Negligência	1,21	0,71	0,76	0,77
WHO VAW (<i>n</i> = 301)				
Violência Emocional	1,61	1,33	0,71	0,71
Violência Física	0,86	0,52	0,80	0,83
Violência Sexual	0,52	0,91	0,73	0,74
QCC (<i>n</i> = 330)				
Comportamentos de Controle	1,82	0,95	0,89	0,90

Nota. QUESI – Questionário Sobre Traumas na Infância; PIFD-5 – Inventário de Funcionamento da Personalidade para o DSM-5; ETAS-R – Escala Triangular do Amor de Sternberg – Versão Reduzida; IFEGA – Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito; WHO VAW – *World Health Organization Violence Against Women*; QCC – Questionário de Comportamentos de Controle.

Relações Entre as Experiências de VPI e Fatores Sociodemográficos

Os resultados das análises de correlações entre as experiências de violência e os fatores sociodemográficos mostraram apenas uma correlação negativa entre escolaridade das mulheres e CC exercidos pelo parceiro íntimo. Mulheres com um nível maior de escolaridade tenderam a experimentar menos CC de seus parceiros, como pode ser visto na Tabela 2.4.

Tabela 2. 4: Correlação Entre os Dados Sociodemográficos e Experiências de Violência

Dados sociodemográficos	Experiências de violência				
	QRA	CC	VE	VF	VS
Idade	0,047	0,003	0,103	0,072	0,078
Escolaridade	0,007	-0,135*	0,035	-0,051	-0,087
Renda individual	-0,005	-0,062	0,014	-0,071	-0,033
Renda Familiar	-0,030	-0,162	-0,028	-0,101	-0,066
Quantidade de filhos	-0,045	-0,134	0,076	0,046	0,086
Número de pessoas que vivem juntas	-0,013	0,042	-0,063	0,012	0,027

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; QRA – quantidade de relacionamentos abusivos ao longo da vida; CC – comportamentos de controle do parceiro íntimo; VE – violência emocional; VF – violência física; VS – violência sexual.

Considerando a presença de algumas variáveis sociodemográficas binárias, foram realizados testes t para a comparação das médias das experiências de violência entre os grupos (ver Tabela 2.5). Os resultados mostraram uma diferença estatisticamente significativa entre as médias das mulheres que tinham e que não tinham salário próprio em relação à violência emocional. Os dados mostraram que mulheres que não tinham salário próprio tenderam a reportar terem sofrido mais violência emocional do que as mulheres que tinham o próprio salário. Mas essa diferença apresentou um pequeno tamanho de efeito ($d = 0,28$). Os resultados também mostraram que mulheres que tinham filhos sofreram mais violência física e violência emocional do que mulheres que não tinham filhos. Os tamanhos de efeito dessas diferenças foram moderado e pequeno, respectivamente ($d = 0,43$ e $d = 0,26$).

Tabela 2. 5: Comparação de Experiências de Violência Entre Mulheres Com Diferentes Condições Sociodemográficas

Salário próprio	Não		Sim		Diferença		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t(gl)</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
Nº de relacionamentos abusivos	2,09	1,16	2,09	1,17	0,009(187)	0,993	0,00
Comportamentos de controle	1,83	0,94	1,79	0,98	0,356(181)	0,722	0,04
Violência emocional	1,72	1,34	1,35	1,27	2,319(182)	0,021	0,28
Violência física	0,91	1,48	0,75	1,39	0,924(185)	0,357	0,11
Violência sexual	0,53	0,92	0,51	0,88	0,138(181)	0,890	0,02
Dependência financeira	Não		Sim		Diferença		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t(gl)</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
Nº de relacionamentos abusivos	2,06	1,12	2,12	1,20	0,476(327)	0,634	0,05
Comportamentos de controle	1,75	0,94	1,87	0,96	1,104(324)	0,270	0,12
Violência emocional	1,47	1,22	1,73	1,41	1,753(298)	0,081	0,20
Violência física	0,76	1,26	0,96	1,60	1,249(293)	0,213	0,14
Violência sexual	0,46	0,86	0,58	0,95	1,226(299)	0,221	0,14
Possui filhos	Não		Sim		Diferença		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t(gl)</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
Nº de relacionamentos abusivos	2,02	1,07	2,20	1,30	1,27(224)	0,205	0,15
Comportamentos de controle	1,74	0,89	1,94	1,04	1,79(231)	0,075	0,21
Violência emocional	1,47	1,30	1,83	1,35	2,24(234)	0,026	0,26
Violência física	0,63	1,21	1,24	1,71	3,36(184)	< 0,001	0,43
Violência sexual	0,44	0,81	0,64	1,04	1,73(197)	0,085	0,21

Relações Entre VPI e Violências Vividas na Infância

Em relação a investigação das associações entre as experiências traumáticas na infância e as experiências de violência na adultez (ver Tabela 2.6), os resultados mostraram que a QRA e os CC se correlacionaram positivamente com vivências de negligência emocional, abuso sexual, abuso emocional e abuso físico na infância. As experiências de violência emocional e sexual na vida adulta se correlacionaram positivamente com negligências física e emocional e abusos físico e emocional na infância. A vitimização por violência física na adultez se correlacionou somente com abuso físico na infância.

Tabela 2. 6: Correlação Entre Experiências Traumáticas na Infância e Experiências de Violência na Aduldez

Experiências traumáticas na infância	Experiências de violência				
	QRA	CC	VE	VF	VS
Negligência Física	0,092	0,110	0,135*	0,098	0,177**
Negligência Emocional	0,238***	0,182**	0,163**	0,022	0,172**
Abuso Sexual	0,152**	0,135*	0,086	0,062	0,088
Abuso Emocional	0,256***	0,197***	0,181**	0,037	0,165**
Abuso Físico	0,161**	0,189***	0,131*	0,139*	0,178**

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; QRA – quantidade de relacionamentos abusivos ao longo da vida; CC – comportamentos de controle do parceiro íntimo; VE – violência emocional; VF – violência física; VS – violência sexual.

Correlações Entre VPI e Prejuízos no Funcionamento da Personalidade

Os resultados das correlações entre os domínios do funcionamento da personalidade e as experiências de violência são apresentados na Tabela 2.7. Como pode ser observado, há uma associação entre um funcionamento patológico da personalidade e experiências de CC de parceiros íntimos. Quase todos os domínios do funcionamento da personalidade apresentaram correlações estatisticamente significativas com essa variável. Os resultados também indicaram que domínios específicos do funcionamento da personalidade também se correlacionaram com outras variáveis de VPI. Houve uma associação entre um nível mal desenvolvido da constituição da identidade (senso de self) e a QRA. Observou-se também que uma pobre capacidade de compreensão dos próprios pensamentos e sentimentos (autorreflexão produtiva) se associou com a QRA.

Tabela 2. 7: Correlação Entre os Domínios do Funcionamento da Personalidade e Violência Contra a Mulher

Funcionamento da personalidade	Experiências de Violência				
	QRA	CC	VE	VF	VS
Senso de <i>self</i>	0,144**	0,271***	0,121	0,007	0,069
Autoestima	0,078	0,201*	0,125	-0,045	0,038
Regulação emocional	0,111	0,291***	0,172**	0,036	0,048
Definição e busca dos objetivos	0,108	0,202**	0,114	0,033	0,051
Comportamentos construtivos e pró-sociais	0,118	0,289***	0,124	0,009	0,105
Autorreflexão produtiva	0,138*	0,288***	0,063	-0,001	0,065
Apreciação dos outros	-0,045	0,125	-0,038	-0,080	0,045
Tolerância a diferentes perspectivas	0,088	0,003	0,010	0,012	0,051
Efeito do próprio comportamento sobre os outros	0,179**	0,255***	0,203**	0,105	0,165*
Duração e profundidade das relações	0,082	0,301***	0,148*	0,127	0,197**
Desejo e capacidade para proximidade	0,173**	0,357***	0,264***	0,146*	0,244***
Mutualidade de considerações	-0,056	0,139*	0,086	-0,034	0,065

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; QRA – quantidade de relacionamentos abusivos ao longo da vida; CC – comportamentos de controle do parceiro íntimo; VE – violência emocional; VF – violência física; VS – violência sexual.

A quantidade de experiência de violência emocional praticada por parceiros íntimos se mostrou associada a um mal funcionamento nas experiências e controles afetivos das mulheres (regulação emocional). O prejuízo na capacidade de compreensão de que os próprios comportamentos podem afetar as outras pessoas, resultando em um descuido na forma de falar e se comportar com os outros, (efeito do próprio comportamento sobre os outros) se mostrou associado com quase todas as variáveis de VPI, com exceção apenas para violência física.

Quando se trata dos domínios do funcionamento da personalidade relacionados às habilidades ligadas ao estabelecimento de relações de intimidade, os resultados indicaram que mulheres que reportaram ter mais dificuldades para estabelecer relações significativas e duradouras (duração e profundidade das relações) também tenderam a indicar um número maior de experiências de violência emocional e sexual por parte de parceiros íntimos. O único domínio da personalidade que apresentou correlações estatisticamente significativas com todas as variáveis de VPI foi o de desejo e capacidade para proximidade. Neste estudo, as mulheres que apresentaram falta de vontade de estabelecer relações de intimidade com as pessoas, incluindo amigos, e que não conseguiram fazer conexões

íntimas com as pessoas se mostraram mais propensas a reportarem experiências de VPI de todos os tipos.

O Autoconceito Feminino e sua Associação com VPI

Quando considerado o autoconceito sobre gênero das mulheres, os resultados das correlações (ver Tabela 2.8) mostraram que escores mais altos nos fatores sensualidade e egocentrismo estão associados a uma maior QRA. Assim, mulheres que se percebem atraentes e sensuais e aquelas que se veem mais irritadas quando seus planos e desejos são contrariados tiveram um número maior de parceiros abusivos. Por outro lado, escores elevados no fator ajustamento social tiveram uma menor QRA. Desse modo, mulheres que se identificam com um *self* pautado na ética, na moral, na lealdade, na fidelidade e na honestidade tendem a ter um número menor de relacionamentos abusivos ao longo de suas vidas.

Tabela 2. 8: Correlação Entre Autoconceito Feminino e Experiências de Violência

Autoconceito	Experiências de Violência				
	QRA	CC	VE	VF	VS
Sensualidade	0,241***	-0,064	-0,016	0,018	0,050
Inferioridade	0,102	0,112	0,062	-0,043	0,035
Ajustamento Social	-0,135*	-0,037	0,039	0,123	-0,076
Arrojamento	0,062	-0,179**	-0,108	-0,037	-0,086
Egocentrismo	0,208**	0,113	0,073	-0,003	0,022
Negligência	0,053	0,172*	0,198**	0,083	0,100

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; QRA – quantidade de relacionamentos abusivos ao longo da vida; CC – comportamentos de controle do parceiro íntimo; VE – violência emocional; VF – violência física; VS – violência sexual.

Mulheres com escores mais altos no fator arrojamento tenderam a reportar menos CC de seus parceiros íntimos. Por outro lado, mulheres com escores mais altos em negligência reportaram mais CC. Ambos esses fatores fazem dizem respeito a conceitos típicos do gênero masculino. O resultado referente ao fator arrojamento indicou que mulheres que se perceberam empreendedoras e direcionadas para alcançar seus objetivos tenderam a viver menos experiências de CC de seus parceiros íntimos. Por outro lado, aquelas que se identificaram com um *self* pouco orientado para a

moda, beleza e cuidado com as coisas vieram a reportar mais CC e, também, mais experiências de violência emocional.

Correlações entre VPI e Vivências Amorosas com o Parceiro Íntimo

A Tabela 2.9 apresenta os resultados das correlações entre os fatores da ETAS-R e as variáveis de VPI. Foram encontradas correlações negativas entre os fatores intimidade e compromisso da ETAS-R e as variáveis QRA, CC e violência emocional. O fator paixão se correlacionou negativamente com CC e violência emocional. Esses resultados indicaram que mulheres que reportaram viver níveis mais altos de intimidade compromisso e paixão com seus parceiros íntimos apresentaram menos experiências de VPI.

Tabela 2. 9: Correlações Entre Experiências Amorosas e Experiências de Violência por Parceiros Íntimos

Experiências de amor	Experiências de Violência				
	QRA	CC	VE	VF	VS
Intimidade	-0,172*	-0,385***	-0,225***	-0,094	-0,074
Compromisso	-0,201**	-0,313***	-0,137*	-0,056	-0,092
Paixão	0,003	-0,257***	-0,172*	-0,087	-0,119

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$; QRA – quantidade de relacionamentos abusivos ao longo da vida; CC – comportamentos de controle do parceiro íntimo; VE – violência emocional; VF – violência física; VS – violência sexual.

Discussão

O objetivo deste estudo foi investigar as associações de aspectos intra individuais e socioculturais com a VPI. Os resultados mostraram que as variáveis socioculturais não se relacionaram, no geral, com o fenômeno da VPI. Em relação às variáveis intra individuais, as vivências traumáticas na infância, o autoconceito feminino, as experiências de amor e o prejuízo no funcionamento da personalidade, exerceram importantes papéis nas experiências de VPI. A seguir são discutidos os resultados encontrados neste estudo acerca dos potenciais riscos para a VCM, assim como para os efeitos protetivos contra a VPI.

A Violência por Parceiro Íntimo Está Presente em Todas as Camadas Socioeconômicas?

Nesta pesquisa, não foram encontradas nenhuma correlação estatisticamente significativa entre as variáveis sociodemográficas e as experiências de violência, exceto a correlação negativa entre a alta escolaridade e os CC do parceiro. Esse resultado confirma o que diversos estudos trazem ao afirmarem que a violência contra a mulher está presente em todas as camadas socioeconômicas (Gadoni-Costa et al., 2011; Vieira et al., 2013). Os resultados do presente estudo também confirmam a ideia de que mulheres com maiores níveis educacionais, quando vitimadas, possuem mais recursos e são mais autônomas para buscar serviços particulares que as auxiliem a evitar a VPI (Vieira et al., 2013). Diante desses resultados, ressalta-se a importância das políticas de prevenção a VCM estarem presentes em todos os espaços sociais.

Experiências Traumáticas na Infância Estão Associadas à VPI na Idade Adulta?

A violência contra a mulher pode se manifestar em diferentes fases da vida, desde a infância até a senescência (Cascio et al., 2020; Magalhães, 2020; Marques et al., 2020). As correlações entre as experiências traumáticas na infância e a experiência de violência na idade adulta, neste estudo, mostraram que crianças com histórico de abusos e negligências podem estar em maior risco de se envolverem com parceiros abusivos na idade adulta. De acordo com Cascio et al. (2020), essas relações abusivas, experimentadas ou assistidas previamente na infância, podem ser naturalizadas e servirem como modelos futuros de relacionamento. Uma ampla gama de maus tratos infantis vivenciados, inclusive a omissão de cuidados físicos e emocionais na fase da infância, pode predizer múltiplas ou específicas formas de VPI na idade adulta (Abajobir et al., 2017). Como pode ser visto, as mulheres participantes deste estudo, que reportaram sofrer abusos ou negligências na infância tiveram múltiplos relacionamentos abusivos e sofreram violências emocionais, físicas e sexuais na idade adulta. Esses resultados também fortalecem os diversos estudos que afirmam que o histórico de violências na infância é uma variável explicativa crucial no entendimento da VPI na fase adulta (Abajobir et al., 2017; Cascio et al., 2020). Os resultados deste estudo, também, indicam a

necessidade de promover a saúde mental infantil e dos adolescentes no sentido de prevenir que os mesmos sofram violências na idade adulta.

O Autoconceito das Mulheres Podem Colocá-las em Situações de Vulnerabilidade ou Proteção em Relação à VPI?

Desde a infância, a partir das experiências, valores e normas engendrados em uma sociedade patriarcal e dominada por homens, as mulheres vão assimilando de forma desigual as características que definem o que é feminino ou masculino (Schwarcz, 2019). O impacto dessas percepções assimétricas sobre gênero pode influenciar nos processos racionais, emocionais, comportamentais e atitudinais das mulheres em relação a si e aos outros, incluindo a construção de seu autoconceito (Giavoni & Tamayo, 2005; Ventura, 2014). Segundo Giavoni e Tamayo (2005), aspectos individualistas e instrumentais do *self* estão mais relacionados ao construto social sobre o masculino e os aspectos coletivistas e expressivos do *self* estão mais presentes nos construtos sobre o feminino. Neste estudo, mulheres que reportaram preocupação ou negligência com aspectos expressivos do *self*, como por exemplo a autoimagem, tiveram mais experiências de VPI. Esses dados refletem a ideia, presente na sociedade brasileira, de que há ideais estéticos definidos, onde o corpo feminino torna-se um mero objeto de desejo, consumo e violência, e é desconsiderado os aspectos intelectuais e emocionais das mulheres (Araújo, 2008; Costa, 2018). Nesse sentido é questionável, se as mulheres que responderam a pesquisa, são realmente negligentes com sua imagem ou se essa percepção sobre si é consequência da violência sofrida pelos seus parceiros íntimos a partir dos comentários avaliativos sobre a sua aparência. Desde o início do movimento feminista tem-se discutido sobre como a consciência dessa assimetria pode diminuir a VCM, engajar as mulheres na luta por igualdade e servir como fator protetivo no combate a VPI (Schwarcz, 2019). Como pode ser visto nos resultados da presente pesquisa, a correlação negativa entre um aspecto do *self* designado a um construto social do gênero masculino, ou seja, mulheres mais determinadas e engajadas em seus objetivos individuais, e experiências de CC do parceiro, pode estar em consonância com os efeitos da luta feminista pela

igualdade de gênero. Nessa perspectiva, vê-se a importância de formações sobre a desigualdade de gênero nos diversos setores da sociedade, inclusive nos espaços onde há profissionais atuando nos serviços de acolhimento às vítimas. Conscientizar as mulheres sobre o machismo estrutural pode ajudá-las a refletir sobre os seus papéis na sociedade e engajá-las na construção de novas estratégias no enfrentamento à VCM.

A Forma Como as Mulheres Vivenciam o Amor Está Relacionada à Exposição a VPI?

O amor é um tema inerente à experiência humana e um dos elementos mais importantes nos relacionamentos íntimos (Sorokowski et al., 2020). Diversos estudos sugerem que as crenças das mulheres sobre aspectos do amor influenciam na forma como as relações íntimas são vivenciadas (Dias, & Machado, 2011; Mônico, & Teodoro, 2011; Sorokowski et al., 2020). No presente estudo, mulheres que reportaram experimentar estados de intimidade, compromisso e paixão em suas relações amorosas tiveram menos experiências de violência. Desses estados, a intimidade, é o maior preditor de satisfação nos relacionamentos (Mônico & Teodoro, 2011; Sternberg, 2006). De acordo com Sternberg (2006), a presença e a forma como esses estados do amor combinam e interagem entre os parceiros podem conduzi-los a relacionamentos saudáveis e estáveis. Nesse sentido, a satisfação das mulheres nos relacionamentos, ou seja, a própria avaliação que elas fazem e os ganhos que elas têm nos seus relacionamentos, pode ser um fator de proteção no contexto de relações abusivas (Dias & Machado, 2011). Um ponto relevante é que, apesar da escala triangular do amor conceber o amor como produto do indivíduo e do meio social, o processo construtivo do amor não foi analisado. Nesse sentido, além dessa conceitualização teórica estrutural sobre o amor é importante questionar o que é biológico e universal nesse fenômeno e o que é socialmente construído nele. Nesse sentido, é importante que se investigue outras perspectivas que balizem as experiências de amor construídas socialmente e suas interligações com a VPI.

Como o Mau Funcionamento da Personalidade se Associa à Exposição de Mulheres a VPI?

A personalidade é um construto importante para o entendimento das relações amorosas (Bell & Naugle, 2008). Diversos estudos têm associado transtornos da personalidade e traços patológicos da personalidade a variadas formas de abusos, inclusive aos abusos físicos e sexuais (Coolidge & Anderson, 2002; Ørke et al., 2018). No presente estudo, o funcionamento patológico da personalidade das mulheres estava apenas correlacionado de forma estatisticamente significativa com QRA, CC e violência emocional. Portanto, mulheres com prejuízos nos domínios da personalidade relacionados a sua identidade e ao modo como estabelece suas relações interpessoais estavam mais propensas a sofrerem violências psicológicas e a terem múltiplos relacionamentos abusivos. As violências psicológicas podem ser silenciosas e muitas vezes não são tão óbvias como as agressões físicas e sexuais (Silva et al., 2007). Nesse sentido, é possível que as mulheres com funcionamento patológico da personalidade atraiam múltiplos parceiros abusivos e controladores justamente por não conseguirem reconhecer e selecionar estratégias eficazes no enfrentamento das situações abusivas (Dugal et al., 2018).

O mau funcionamento da personalidade não se mostrou relacionado a formas mais explícitas de abuso. Esse dado pode indicar que ter ou não ter fragilidades no funcionamento da personalidade não impede que as mulheres experimentem violências mais graves. Isso vai ao encontro do conceito de violência de gênero, onde mulheres são violentadas apenas por serem mulheres e estarem inseridas em uma sociedade onde os homens buscam constantemente manterem superioridade (Araújo, 2008). Além disso, mulheres que reportaram experiências de VPI de todos os tipos apresentaram dificuldades em estabelecer relações de intimidade e fazer conexões íntimas com outras pessoas. Esse dado sugere que essas mulheres tenham um pobre suporte social, o que pode ser um fator de risco, por impedi-las de buscarem ajuda quando necessário.

Conclusão

A violência por parceiros íntimos é um problema de saúde pública e social, onde múltiplas variáveis contribuem para a vitimização das mulheres. A investigação conjunta das configurações

sociais que as mulheres estão inseridas, das vivências adversas na infância, das crenças sobre o feminino, das percepções sobre o amor e do funcionamento patológico da personalidade das mulheres vítimas de VPI podem contribuir no rastreamento, planejamento de prevenção e tratamento dessas mulheres.

De acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se concluir que as mulheres vítimas de VPI apresentaram mais experiências de abusos e negligências na infância. Mulheres preocupadas ou negligentes com as suas autoimagens tiveram mais relacionamentos abusivos e estiveram mais expostas a violência emocional. Em relação as experiências de amor, o estudo indica a importância de os profissionais de saúde buscarem avaliar o grau de satisfação das mulheres nas suas relações amorosas. Nesta pesquisa, mulheres que relataram ter intimidade, compromisso e paixão em seus relacionamentos tiveram menos experiências de violência. A proeminência de prejuízos nos domínios do self e dos aspectos interpessoais da personalidade foram fatores de risco para vitimização de mulheres a variados tipos de violências, bem como obstáculo para a busca de ajuda.

Nesse sentido, inserir essas variáveis nos protocolos de enfrentamento à VCM e no manejo clínico no tratamento das mulheres vítimas de violência pode contribuir para a identificação e conscientização dos fatores individuais, de risco e de proteção, no contexto de relacionamentos abusivos.

Referências

Abajobir, A. A., Kisely, S., Williams, G. M., Clavarino, A. M., & Najman, J. M. (2017).

Substantiated childhood maltreatment and intimate partner violence victimization in young adulthood: A birth cohort study. *Journal of youth and adolescence*, 46(1), 165-179.

<https://doi.org/10.1007/s10964-016-0558-3>

Alves, P. P., Lima, R. S. D., Silva, E. R. A. D., Ferreira, H., Pimentel, A., Barros, B., ... & Sobral, I.

(2020). Atlas da violência 2020. <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020>

- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Arslan, R. C., Walther, M. P., & Tata, C. S. (2020). formr: A study framework allowing for automated feedback generation and complex longitudinal experience-sampling studies using R. *Behavior Research Methods*, 52(1), 376-387. <https://doi.org/10.3758/s13428-019-01236-y>
- Andrade, A. L., Garcia, A., Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg – Reduzida (ETAS-R). *Psico-USF*, 18(3), 501-510. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000300016>
- Araújo, Maria de Fátima. (2008). Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. *Psicologia para América Latina*, (14), 0-0.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Prentice Hall.
- Bell, K. M., & Naugle, A. E. (2008). Intimate partner violence theoretical considerations: Moving towards a contextual framework. *Clinical psychology review*, 28(7), 1096-1107. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2008.03.003>
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., Newcomb, M. D., Walker, E., Pogge, D., Ahluvalia, T., ... & Zule, W. (2003). Development and validation of a brief screening version of the Childhood Trauma Questionnaire. *Child abuse & neglect*, 27(2), 169-190. [https://doi.org/10.1016/S0145-2134\(02\)00541-0](https://doi.org/10.1016/S0145-2134(02)00541-0)
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-522. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000300020>
- Coolidge, F.L., & Anderson, L.W. (2002). Personality profiles of women in multiple abusive relationships. *Journal of Family Violence*, 17(2): 117- 131. <https://doi.org/10.1023/A:1015005400141>
- Cascio, M. L., Guarnaccia, C., Infurna, M. R., Mancuso, L., Parroco, A. M., & Giannone, F. (2020). Environmental dysfunctions, childhood maltreatment and women's intimate partner violence

victimization. *Journal of interpersonal violence*, 35(19-20), 3806-3832.

<https://doi.org/10.1177/0886260517711176>

Costa, A. K. S. (2018). Hiperssexualização frente ao Empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. *Anais do Seminário de Gênero e Sexualidade*.

Dias, A. R. C., & Machado, C. (2011). Amor e violência na intimidade: da essência à construção social. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 496-505. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300007>

Dugal, C., Girard, M., Bélanger, C., Sabourin, S., Bates, E. A., & Godbout, N. (2018).

Psychological intimate partner violence and childhood cumulative trauma: the mediating role of affect dysregulation, maladaptive personality traits, and negative urgency. *Journal of interpersonal violence*, 0886260518801022. <https://doi.org/10.1177/0886260518801022>

Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N., & Dell'Aglio, D. D. (2011). Violência contra a mulher: Levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos Psicologia*. 28(2), 219-227. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000200009>

Giavoni, A., & Tamayo, A. (2005). Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFEGA). *Estudos de Psicologia*, 10(1), 25-34. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000100004>

Grassi-Oliveira, R., Cogo-Moreira, H., Salum, G. A., Brietzke, E., Viola, T. W., Manfro, G. G., ... & Arteché, A. X. (2014). Childhood Trauma Questionnaire (CTQ) in Brazilian samples of different age groups: findings from confirmatory factor analysis. *PloS one*, 9(1), e87118. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0087118>

Grassi-Oliveira, R., Stein, L. M., & Pezzi, J. C. (2006). Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 249-255.

- Jansen, H. A., Watts, C., Ellsberg, M., Heise, L., & Garcia-Moreno, C. (2004). Interviewer training in the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Violence against women, 10*(7), 831-849. <https://doi.org/10.1177/1077801204265554>
- Lins, R. N. (2017). *Novas formas de amar*. Editora Planeta do Brasil.
- Madalena, M. B. D A., Falcke, D., & Carvalho, L. D. F. (2015). Violência conjugal e funcionamentos patológicos da personalidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 67*(2), 122-139.
- Magalhães, T. (2020). *Violência e abuso: respostas simples para questões complexas*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Margolin, G. (1998). *Effects of domestic violence on children*.
- Marques, E. S., Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., & Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública, 36*(4), 0007442020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>
- Mônego, B. G., & Teodoro, M. L. M. (2011). A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. *Psico-USF, 16*(1), 97-105. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000100011>
- Ørke, E. C., Vatnar, S. K. B., & Bjørkly, S. (2018). Risk for revictimization of intimate partner violence by multiple partners: a systematic review. *Journal of Family Violence, 33*(5), 325-339. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-9952-9>
- Relógios da Violência (órgão vinculado ao Instituto Maria da Penha), 2017.
- Ribeiro, M. R. C., de Britto, M. T. S. S., Batista, R. F. L., Ribeiro, C. C. C., Schraiber, L. B., Barbieri, M. A., ... & da Silva, A. A. M. (2014). Confirmatory factor analysis of the WHO violence against women instrument in pregnant women: results from the BRISA Prenatal Cohort. *PloS one, 9*(12), e115382. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0115382>

- Sá S.D., & Werlang B.S.G. (2013). Personalidade de mulheres de violência doméstica: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*; 6 (2): 106-116.
<https://doi.org/10.4013/ctc.2013.62.04>
- Schraiber, L. B., Latorre, M. D. R. D. O., França Jr, I., Segri, N. J., & d'Oliveira, A. F. P. L. (2010). Validity of the WHO VAW study instrument for estimating gender-based violence against women. *Revista de saúde pública*, 44(4), 658-666.
- Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Editora Companhia das Letras.
- Seganfredo, A. C. G., Torres, M., Salum, G. A., Blaya, C., Acosta, J., Eizirik, C., & Manfro, G. G. (2009). Gender differences in the associations between childhood trauma and parental bonding in panic disorder. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 31(4), 314-321.
<https://doi.org/10.1590/S1516-44462009005000005>
- Sorokowski, P., Sorokowska, A., Karwowski, M., Groyecka, A., Aavik, T., Akello, G., ... & Atama, C. S. (2020). Universality of the Triangular Theory of Love: Adaptation and Psychometric Properties of the Triangular Love Scale in 25 Countries. *The Journal of Sex Research*, 1-10.
<https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1787318>
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Psychology*, 27, 313-335. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199705\)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199705)27:3<313::AID-EJSP824>3.0.CO;2-4)
- Sternberg, R. J. (2006). *a duplex theory of love*. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love*. Yale University Press.
- Straus, M. A. (2006). Future research on gender symmetry in physical assaults on partners. *Violence Against Women*, 12, 1086–1097. <https://doi.org/10.1177/1077801206293335>
- Vieira, L. J. E. D. S., Ferreira, R. C., Moreira, G. A. R., Gondim, A. P. S., Araujo, M. A. L., & Silva, R. M. D. (2013). Fatores associados à sobreposição de tipos de violência contra a mulher notificada em serviços sentinela. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(4), 920-927. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692013000400013>

- Vieira, T. M., Mendes, F. D. C., & Guimarães, L. C. (2010). Aprendizagem social e comportamentos agressivo e lúdico de meninos pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 544-553. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300015>
- Ventura, M. C. A. A. (2014). Violência no namoro: crenças e autoconceito nas relações sociais de gênero. Modelo de intervenção em enfermagem [Tese de Doutorado]. Porto: Universidade do Porto.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. Organização Pan-Americana da Saúde. Type Assessoria Editorial Ltda.
- World Health Organization. (2003). *WHO Multi-Country Study on Women's Health and Life Experiences*. Core Questionnaire, Version 10. Geneva, Switzerland: Author
- World Health Organization (2005). *WHO Multi-country Study on Women's Health and Domestic Violence Against Women: Summary Report of Initial Results on Prevalence, Health Outcomes and Women's Responses*

Considerações Finais da Dissertação

Na presente dissertação foi verificado que a violência por parceiro íntimo é um fenômeno que está presente em diversos contextos. Esse tipo de violência pode acontecer dentro e fora do âmbito doméstico e de variadas formas, sendo que nesta pesquisa limitou-se a caracterizar os tipos de violência em emocional, física e sexual. Por muito tempo a violência emocional/psicológica foi negligenciada e só violências tidas como mais graves foram investigadas. No Estudo I, a maioria das amostras dos artigos foram de mulheres provenientes de instituições que recebiam mulheres vítimas de agressões físicas/sexuais. Essas mulheres recebiam também violências psicológicas, porém não foram caracterizadas. Na pesquisa empírica, Estudo II, algumas mulheres relataram experiências de violência que não foram contempladas pelos instrumentos, como por exemplo a violência cibernética. Nesse sentido, é importante que os diversos tipos de violências sejam caracterizados e investigados para que haja visibilidade e sejam pautadas na criação de estratégias para o tratamento às vítimas.

Em relação a caracterização socioeconômica e cultural das mulheres, no Estudo I, foram apenas descritos os estudos que consideraram relevantes a investigação do contexto das mulheres. No Estudo II, o contexto socioeconômico foi caracterizado e não se mostrou, no geral, associado à VPI. Diversas referências utilizadas nessa dissertação fizeram uma descrição sobre as relações entre raça e VPI, visto que é conhecida a maior prevalência da VPI em mulheres pardas e negras. Apesar de se reconhecer a importância da discussão dessa temática, infelizmente não foi possível incluí-la neste estudo sendo essa uma importante limitação.

No estudo II, foi verificado que a forma como as mulheres vivenciaram a infância estava correlacionado de forma estatisticamente significativa aos abusos do parceiro íntimo na vida adulta. Uma gama de abusos e negligências na infância podem se perpetuar e se naturalizarem ao longo da vida. Com isso, as mulheres podem desenvolver um sistema de aprendizado de que a violência é o “natural”. Esse padrão de pensamento precisa ser combatido, não somente para as mulheres, mas para todos.

Nos Estudos I e II a personalidade foi um importante mediador na manutenção dos relacionamentos abusivos. Contudo, não foi verificado a existência de um único perfil de personalidade das mulheres vítimas de VPI. Características patológicas e gerais da personalidade estavam associadas a vitimização das mulheres no Estudo I. No estudo II foi possível verificar que domínios específicos da personalidade estavam associados a VPI. Nesse sentido, instrumentos que avaliam o funcionamento da personalidade podem ser mais precisos na identificação dos fatores que colocam as mulheres em risco.

Em relação ao autoconceito feminino e as experiências de amor, o Estudo II verificou que as crenças assimétricas sobre os papéis de gênero podem influenciar na exposição das mulheres a relacionamentos abusivos. Também, a avaliação sobre como as mulheres percebem o amor pode contribuir para que profissionais de saúde identifiquem se há satisfação conjugal e quais benefícios há na relação. Nesta pesquisa, foram investigados apenas os aspectos internos dos indivíduos em relação ao amor. Uma indicação para próximos estudos é que se investigue concomitantemente as crenças sociais sobre o amor e como essas crenças podem estar relacionadas à VPI. Nesta pesquisa não foi possível fazer uma discussão articulada entre as teorias e instrumentos devido a heterogeneidade dos vieses de cada um deles. Uma indicação para os próximos estudos é que os pesquisadores usem instrumentos que consigam incorporar a literatura existente sobre a VCM, ou seja, instrumentos e teorias que possibilitem uma articulação teórica estreita entre as variáveis relacionadas à VPI.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pesquisa presencial)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Mulheres vítimas de relações abusivas: influências das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade e de crenças do feminino e do amor”, de responsabilidade de Lucyla Késia de Carvalho Silva, estudante de mestrado, da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é verificar a influência das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade, da internalização de papéis do gênero feminino e de crenças a respeito do amor romântico sobre a exposição de mulheres a múltiplos relacionamentos abusivos. O presente estudo busca compreender o papel dessas variáveis conjuntas na explicação da exposição de mulheres à violência por parceiros íntimos. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, coletados por meio de questionários e escalas psicológicas, ficarão sob a guarda do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Silva de Oliveira, orientador dessa pesquisa, em local seguro por até cinco anos.

Os questionários têm questões sobre experiências infantis, características de personalidade, autoconceito, crenças sobre o amor e experiências de relacionamentos amorosos. É para esse procedimento que você está sendo convidada a participar. Sua participação na pesquisa implica em risco mínimo, podendo gerar algum desconforto pelo tempo terá que dispor para responder aos instrumentos, bem como decorrente de lembranças de fatos que podem ter sido difíceis. Sua participação beneficiará o desenvolvimento de um estudo científico e ajudará a compreender os processos internos associados a relacionamentos abusivos. Além disso, você poderá ter a oportunidade de expressar os seus sentimentos através de uma escuta cuidadosa realizada pela pesquisadora.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 62 3607-3568 ou pelo e-mail mulheresvítimasdeviolencia2019@gmail.com. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes, que assim desejarem, por meio de e-mail, e serão publicados em artigos científicos.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, _____ de _____ de _____.

Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Pesquisa online)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Mulheres vítimas de relações abusivas: influências das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade e de crenças do feminino e do amor”, de responsabilidade de Lucyla Késia de Carvalho Silva, estudante de mestrado, da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é verificar a influência das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade, da internalização de papéis do gênero feminino e de crenças a respeito do amor romântico sobre a exposição de mulheres a múltiplos relacionamentos abusivos. O presente estudo busca compreender o papel dessas variáveis conjuntas na explicação da exposição de mulheres à violência por parceiros íntimos. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Antes de você decidir aceitar participar dessa pesquisa, é importante que você leia com atenção as informações abaixo:

Você poderá obter esclarecimentos em qualquer momento da pesquisa (antes, durante e após a finalização da pesquisa) por meio do e-mail: mulheresvitasdeviolencia2019@gmail.com. Lhe asseguro que o seu nome não será divulgado (você sequer precisará informá-lo), sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, a saber, suas respostas aos questionários, ficarão sob a guarda do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Silva de Oliveira, orientador dessa pesquisa, em local seguro.

A coleta de dados será realizada por meio de questionários eletrônicos nessa plataforma *online*. Os questionários têm questões sobre experiências infantis, características de personalidade, autoconceito, crenças sobre o amor e experiências de relacionamentos amorosos. Gostaríamos que você respondesse de forma bem sincera e honesta. É para este procedimento que você está sendo convidada a participar. Sua participação na pesquisa implica em risco mínimo, como ter que dispor de tempo para responder aos questionários, além de poder apresentar algum desconforto em lembrança de fatos que podem ter sido difíceis. Para tanto, lembramos que você pode interromper a participação a qualquer momento, assim como contatar a pesquisadora para dúvidas por meio do e-mail mulheresvitasdeviolencia2019@gmail.com. Além disso, você precisa estar ciente que, desde que essa pesquisa é *online*, há sempre o risco de agentes externos, como por exemplo hackers, e assim a possibilidade de ser identificada. Contudo, nós fazemos de tudo para garantir que isso não acontecerá por meio do uso de um servidor seguro e por manter seus dados criptografados. Nós garantimos que os dados serão mantidos e guardados seguramente.

Espera-se que essa pesquisa possa subsidiar dados para a construção de intervenções psicológicas (tanto de prevenção, quanto de tratamento) para auxiliar na promoção da qualidade de vida de mulheres vítimas de violência. Além disso, você poderá se beneficiar diretamente dessa pesquisa ao poder refletir e autoavaliar suas características de personalidade ao responder os questionários, além de receber um relatório de seu desempenho ao final dos questionários, aumentando seu autoconhecimento. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do e-mail mulheresvitasdeviolencia2019@gmail.com. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio do relatório de desempenho. Os resultados dos estudos serão publicados na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Clique no botão abaixo caso você decida participar dessa pesquisa e você será direcionada para o primeiro questionário. Caso você não concorde em participar dessa pesquisa, basta você fechar

essa janela.

Anexo 3 - Questionário Sociodemográfico

Qual sua idade? _____ anos

Você tem filhos(as)? () Não () Sim - Quantos? _____

Qual sua escolaridade?

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| () Ensino Fundamental Incompleto | () Ensino Superior Incompleto |
| () Ensino Fundamental Completo | () Ensino Superior Completo |
| () Ensino Médio Incompleto | () Pós-Graduação Incompleta |
| () Ensino Médio Completo | () Pós-Graduação Completa |

O que você faz atualmente? (*marque somente uma opção*)

- | | |
|-----------------------|-------------------------------------|
| () Estuda | () Aposentada |
| () Trabalha | () Aposentada e trabalha ou estuda |
| () Desempregada | () Licença maternidade |
| () Estuda e trabalha | () Licença saúde |
| () Do lar | |

Qual seu estado civil?

- () Solteira
 () Casada ou morando junto (união estável)
 () Divorciada ou separada
 () Viúva
 () Outro: _____

Você depende financeiramente de alguém?

- | | | | | |
|---------|-------------------|----------------------------------|---------|---------|
| () Não | () Sim. De quem? | Pai, mãe, avós... | () Não | () Sim |
| | | Esposo, companheiro, namorado... | () Não | () Sim |
| | | Filhos | () Não | () Sim |
| | | Governo | () Não | () Sim |
| | | Outros: _____ | | |

Você tem salário/rendimento mensal? () Não () Sim – Quanto você ganha? _____

Como você avalia a quantidade de dinheiro que você recebe? (*marque somente uma opção*)

- () Não tenho salário
 () Eu consigo viver bem com meu dinheiro
 () Meu dinheiro é suficiente somente para o mês
 () Meu dinheiro não dá para pagar todas as contas do mês
 () Meu dinheiro não paga nem metade das contas do mês

Com quantas pessoas você mora? _____

Juntando os salários de todas as pessoas com quem você mora, quanto fica? _____

Você está em um relacionamento amoroso?

- () Não – Há quanto tempo você está sem um relacionamento amoroso? _____
 () Sim – Há quanto tempo você está se relacionando com essa pessoa? _____

Quantos relacionamentos amorosos você já teve na vida?

- Nenhum Quatro
 Um Cinco
 Dois Mais de cinco
 Três

Alguns relacionamentos podem ser considerados abusivos quando um dos parceiros produz sofrimento psicológico no outro por meio de chantagens, humilhações e ameaças. Podem também ser abusivos por acontecer brigas físicas, com tapas, empurrões e socos, e/ou por forçar relações sexuais indesejadas. Pensando nessas situações responda as questões a seguir:

Você já sofreu violência pelo seu atual parceiro?

- Não Sim – Quantas vezes? Uma única vez
 Poucas vezes
 Muitas vezes
 Quase sempre

Você já sofreu violência por ex-parceiros?

- Não Sim – Quantas vezes? Uma única vez
 Poucas vezes
 Muitas vezes
 Quase sempre

Quantos relacionamentos amorosos abusivos você acha teve na sua vida?

- Nenhum Quatro
 Um Cinco
 Dois Mais de cinco
 Três

De modo geral, como você avalia seus relacionamentos?

- Nenhum dos meus relacionamentos foram abusivos
 Somente um foi abusivo
 Alguns foram abusivos
 Quase todos foram abusivos
 Todos foram abusivos

Como você reage ou acha que vai reagir em uma situação de violência no seu relacionamento? Considere que você está muito apaixonada, mas foi agredida por seu parceiro. O que você faz?

- Acho que isso nunca vai acontecer comigo
 Eu me imponho e não permito que isso se repita novamente
 Eu logo termino a relação
 Eu sofro calada
 Eu ataco de volta, brigando, batendo, xingando.
 Eu procuro ajuda da família ou amigos
 Eu denuncio para a polícia

Abaixo, encontram-se algumas situações que são verdadeiras para muitas mulheres. Pensando sobre o seu marido/companheiro (atual ou mais recente), indique o quanto ele faz cada uma dessas coisas utilizando a seguinte legenda:

- 1 – Nunca
- 2 – Poucas vezes
- 3 – Às vezes
- 4 – Muitas vezes
- 5 – Sempre

Tenta evitar que você visite/veja seus amigos.	1	2	3	4	5
Procura restringir o seu contato com sua família.	1	2	3	4	5
Insiste em saber onde você está o tempo todo.	1	2	3	4	5
Lhe ignora e a trata com indiferença.	1	2	3	4	5
Fica zangado se você conversa com outro homem.	1	2	3	4	5
Está frequentemente suspeitando que você é infiel.	1	2	3	4	5
Espera que você peça permissão a ele antes de procurar um serviço de saúde para você mesma.	1	2	3	4	5

Você é violenta em seus relacionamentos?

- () Nunca
- () Raramente
- () Às vezes
- () Muitas vezes
- () Quase sempre

Indique o quanto você acredita nas afirmativas abaixo, marcando um número entre 1 e 5, sendo que 1 significa que você não acredita de forma alguma na afirmativa e 5 você acredita muito na afirmativa.

- 1 – Não acredito de forma alguma nisso
- 2 – Não acredito muito nisso
- 3 – Nem acredito e nem descredo nisso
- 4 – Acredito um pouco nisso
- 5 – Acredito muito nisso

O quanto você acredita que...

... casamento é para a vida toda.	1	2	3	4	5
... separação ou divórcio é algo vergonhoso.	1	2	3	4	5
... é melhor ter um relacionamento ruim, do que ficar sozinha.	1	2	3	4	5
... é papel da mulher cuidar da casa e dos filhos.	1	2	3	4	5
... a mulher deve ser submissa ao companheiro.	1	2	3	4	5
... é papel da mulher se esforçar para cuidar do casamento.	1	2	3	4	5

Deixe seu e-mail, caso você queira receber os resultados dessa pesquisa:

Você quer colaborar com outras pesquisas? () Não () Sim

Anexo 4 - Questionário sobre a história de traumas na infância (QUESTI)

Você vai encontrar um conjunto de experiências que crianças podem viver. Indique, marcando um X, o quanto você experimentou cada uma das afirmativas em sua vida de acordo com a legenda a seguir:

- 1 – Nunca
- 2 – Poucas vezes
- 3 – Às vezes
- 4 – Muitas vezes
- 5 – Sempre

ENQUANTO EU CRESCIA...

Eu não tive o suficiente para comer.	1	2	3	4	5
Eu soube que tinha alguém para me cuidar e proteger.	1	2	3	4	5
As pessoas da minha família me chamavam de coisas do tipo “estúpido(a)”, “preguiçoso(a)” ou “feio(a)”.	1	2	3	4	5
Meus pais estiveram muito bêbados ou drogados para poder cuidar da família.	1	2	3	4	5
Houve alguém da minha família que ajudou a me sentir especial ou importante.	1	2	3	4	5
Eu tive que usar roupas sujas.	1	2	3	4	5
Eu me senti amado(a).	1	2	3	4	5
Eu achei que meus pais preferiam que eu nunca tivesse nascido.	1	2	3	4	5
Eu apanhei tanto de alguém da minha família que tive de ir ao hospital ou consultar um médico(a).	1	2	3	4	5
Não houve nada que eu pudesse mudar na minha família.	1	2	3	4	5
Alguém da minha família me bateu tanto que me deixou com machucados roxos.	1	2	3	4	5
Eu apanhei com cinto, vara, corda ou outras coisas que me machucaram.	1	2	3	4	5
As pessoas da minha família cuidavam umas das outras.	1	2	3	4	5
Pessoas disseram coisas que me machucaram ou me ofenderam.	1	2	3	4	5
Eu acredito que fui maltrato(a) fisicamente.	1	2	3	4	5
Eu tive uma ótima infância	1	2	3	4	5
Eu apanhei tanto que um professor, vizinho ou médico chegou a notar.	1	2	3	4	5
Eu senti que alguém da minha família me odiava.	1	2	3	4	5
As pessoas da minha família se sentiam unidas	1	2	3	4	5
Tentaram me tocar ou me fizeram tocar de uma maneira sexual.	1	2	3	4	5
Ameaçaram me machucar ou contar mentiras sobre mim se eu não fizesse algo sexual.	1	2	3	4	5
Eu tive a melhor família do mundo	1	2	3	4	5
Tentaram me forçar a fazer algo sexual ou assistir coisas sobre sexo.	1	2	3	4	5
Alguém me molestou.	1	2	3	4	5
Eu acredito que fui maltratado(a) emocionalmente.	1	2	3	4	5
Houve alguém para me levar ao médico quando eu precisei.	1	2	3	4	5
Eu acredito que fui abusado(a) sexualmente.	1	2	3	4	5
Minha família foi uma fonte força e apoio.	1	2	3	4	5

Anexo 5 - World Health Organization Violence Against Woman (WHO VAW)

O seu atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro, alguma vez, tratou você da seguinte forma?

1) Insultou você ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

2) Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

3) Fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito (por exemplo: a forma como ele a olha, como ele grita, como ele quebra coisas)? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

4) Ameaçou machucá-la ou alguém de quem você gosta? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Alguma vez, o seu atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro tratou você da seguinte forma?

1) Deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-la? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

2) Empurrou-a ou deu-lhe um tranco/chacoalhão? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

3) Machucou-a com um soco ou com algum objeto? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

4) Deu-lhe um chute, arrastou ou surrou você? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

5) Estrangulou ou queimou você de propósito? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

6) Ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você?

() Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Alguma vez, o seu atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro tratou você da seguinte forma?

1) Forçou-a fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

2) Você teve relação sexual porque estava com medo do que ele pudesse fazer?

() Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

3) Forçou-a a uma prática sexual degradante ou humilhante? () Não () Sim

Quantas vezes isso aconteceu nos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Quantas vezes isso aconteceu antes dos últimos 12 meses?

() Nenhuma () Uma () Poucas () Muitas

Anexo 6 - Inventário de Funcionamento da Personalidade para o DSM-5 (IFPD-5)

Este inventário contém afirmativas que descrevem pensamentos, sentimentos e comportamentos que as pessoas costumam apresentar. Marque para cada afirmativa o número que melhor se aplica a você seguindo a legenda a seguir:

- 0 – Nunca verdadeiro | Nunca faço isso | Nunca sou assim
 1 – Quase nunca verdadeiro | Quase nunca faço isso | Quase nunca sou assim
 2 – Quase sempre verdadeiro | Quase sempre faço isso | Quase sempre sou assim
 3 – Sempre verdadeiro | Sempre faço isso | Sempre sou assim

Algumas afirmativas podem falar sobre duas coisas, como por exemplo: “Eu gosto de cantar e dançar”. Nestes casos, utilize o maior número quando ambas as partes da afirmativa se aplicar a você. Leia cada afirmativa e escolha o número que melhor descreve como você geralmente é.

Leia cada afirmativa e escolha o número que melhor descreve como você geralmente é.

1	Algumas vezes reajo agressivamente (ex., gritando, xingando) quando discordam de mim.	0	1	2	3
2	Eu não suporto meus defeitos.	0	1	2	3
3	Sinto que minhas reações emocionais são adequadas.	0	1	2	3
4	Quando estou sob fortes emoções eu não consigo pensar claramente.	0	1	2	3
5	Eu nunca contei uma única mentira em toda a minha vida.	0	1	2	3
6	Por mais que eu me esforce, eu não consigo fazer amizades íntimas.	0	1	2	3
7	Eu não tenho esperança na vida.	0	1	2	3
8	Fico totalmente confuso quando tudo ao meu redor está agitado.	0	1	2	3
9	Quando estou com outras pessoas, eu geralmente consigo perceber como elas estão se sentindo.	0	1	2	3
10	Tudo o que eu faço não é suficiente para agradar os outros.	0	1	2	3
11	Tenho dificuldade para compreender as necessidades das pessoas.	0	1	2	3
12	Eu sinto mais sentimentos negativos do que positivos.	0	1	2	3
13	Já me disseram que sou contraditório (ex., falo uma coisa e faço outra).	0	1	2	3
14	Eu tenho uma imagem positiva de mim mesmo.	0	1	2	3
15	Recentemente planejei uma hora e um lugar para me matar.	0	1	2	3
16	Tenho dificuldades de pensar em soluções para conflitos.	0	1	2	3
17	Eu me esforço para me tornar uma pessoa melhor a cada dia que passa.	0	1	2	3
18	Eu não tenho amigos íntimos.	0	1	2	3
19	Quando começo alguma coisa eu me esforço para concluí-la.	0	1	2	3
20	Eu não sei lidar com fortes emoções.	0	1	2	3
21	Eu geralmente consigo entender a razão dos sentimentos (positivos e negativos) das pessoas.	0	1	2	3
22	Tenho facilidade em perceber quando os outros estão incomodados.	0	1	2	3
23	Eu consigo avaliar meu comportamento e mudá-lo para me adequar às situações de forma satisfatória.	0	1	2	3
24	Mostre que você está respondendo com atenção marcando o número três.	0	1	2	3
25	Gosto quando os outros compartilham suas experiências comigo.	0	1	2	3
26	Eu gosto de trabalhar em grupo.	0	1	2	3
27	Recentemente pensei em uma forma de me matar.	0	1	2	3
28	Sinto prazer em cooperar com as pessoas.	0	1	2	3
29	Estou bebendo bebidas alcoólicas de forma inadequada.	0	1	2	3
30	Sou uma pessoa sem valor.	0	1	2	3
31	Sinto um vazio interior.	0	1	2	3
32	Tenho várias amizades de longa data.	0	1	2	3
33	Sei quem eu realmente sou.	0	1	2	3

34	Eu já tentei suicídio.	0	1	2	3
35	Eu gosto de compartilhar experiências com as pessoas.	0	1	2	3
36	Eu nunca senti medo de nada em toda a minha vida.	0	1	2	3
37	Tenho ideias claras e bem formadas sobre as coisas.	0	1	2	3
38	Sou instável emocionalmente.	0	1	2	3
39	Eu tento, mas não consigo parar de beber bebidas alcoólicas.	0	1	2	3
40	Sinto que sou uma pessoa sem rumo (direção) na vida.	0	1	2	3
41	Sei bem como minha mente funciona.	0	1	2	3
42	Não consigo entender por que as pessoas teimam em não concordar com minhas ideias.	0	1	2	3
43	Fico confuso com a reação das pessoas às minhas atitudes.	0	1	2	3
44	Ninguém jamais se interessaria por mim.	0	1	2	3
45	Eu tento, mas não consigo entender os meus comportamentos.	0	1	2	3
46	Sou uma pessoa que nunca sabe exatamente o que quer da vida.	0	1	2	3
47	Eu não consigo entender por que as pessoas se irritam com algumas atitudes minhas.	0	1	2	3
48	Mostre que você está respondendo com atenção marcando o número zero.	0	1	2	3
49	Sou capaz de estabelecer relações próximas.	0	1	2	3
50	Eu não consigo parar de usar drogas.	0	1	2	3
51	Quando olho para minha história, consigo perceber como fui me desenvolvendo até chegar a pessoa que sou hoje.	0	1	2	3
52	Acho que sou uma pessoa interessante	0	1	2	3
53	Eu nunca consegui fazer poupança porque eu doo todo o meu dinheiro aos pobres.	0	1	2	3
54	Eu costumo me colocar no lugar do outro (ser empático).	0	1	2	3
55	Meus relacionamentos amorosos são duradouros.	0	1	2	3
56	Minhas amizades não costumam durar.	0	1	2	3
57	Eu me esforço para ser a pessoa que eu desejo ser e isso me deixa feliz.	0	1	2	3
58	Eu consigo identificar claramente meus sentimentos.	0	1	2	3
59	Não me sinto satisfeito com nada do que eu faço.	0	1	2	3
60	Quando os meus relacionamentos começam a ficar íntimos, eles acabam.	0	1	2	3
61	Não consigo entender por que faço certas coisas.	0	1	2	3
62	Meus objetivos de vida estão sempre mudando.	0	1	2	3
63	Tenho dificuldade em estabelecer intimidade em meus relacionamentos amorosos.	0	1	2	3
64	Eu ajo de forma tão diferente em determinadas situações que chego a não me reconhecer.	0	1	2	3
65	Eu tenho amigos íntimos.	0	1	2	3
66	Sou capaz de ouvir, de maneira tranquila, ideias que são contrárias às minhas.	0	1	2	3
67	Eu gostaria de ser uma pessoa totalmente diferente de quem sou.	0	1	2	3
68	Eu consigo estabelecer bons vínculos com as pessoas.	0	1	2	3
69	Eu tenho facilidade para me autoanalisar e entender o que se passa comigo.	0	1	2	3
70	Tenho dificuldades para controlar minhas emoções.	0	1	2	3
71	Não gosto de trabalhar em grupo, porque todo mundo só quer tirar vantagens.	0	1	2	3
72	Mostre que você está respondendo com atenção marcando o número um.	0	1	2	3
73	Sei bem o que quero da vida.	0	1	2	3
74	Não tolero que os outros discordem de mim.	0	1	2	3
75	Eu costumo iniciar atividades, mas logo desisto.	0	1	2	3
76	Minhas relações amorosas/sexuais não costumam durar.	0	1	2	3
77	Tenho usado muita droga ultimamente.	0	1	2	3
78	Não importa o que eu faça; as pessoas sempre ficarão desapontadas comigo.	0	1	2	3
79	As pessoas me dizem que eu me vejo de uma forma mais negativa do que eu realmente sou.	0	1	2	3
80	Sou uma pessoa coerente.	0	1	2	3
81	Eu geralmente me perco no que estou pensando ou sentindo.	0	1	2	3
82	Não consigo entender o que se passa dentro de mim.	0	1	2	3
83	Eu nunca senti raiva contra nada nem ninguém em toda a minha vida.	0	1	2	3
84	Eu não tenho vontade de ter intimidade com as pessoas.	0	1	2	3

85	Eu sinto ódio de mim mesmo.	0	1	2	3
86	Eu prefiro estar só a ter que me relacionar com outras pessoas.	0	1	2	3
87	Fico entediado quando tenho que ouvir as ideias dos outros.	0	1	2	3
88	Não tenho paciência para discutir com pessoas que têm ideias diferentes das minhas.	0	1	2	3
89	Não me incomoda que as pessoas tenham opiniões diferentes das minhas.	0	1	2	3
90	Eu consigo me acalmar depois de uma situação estressante.	0	1	2	3
91	Recentemente falei para alguém que estou pensando em me matar.	0	1	2	3
92	Tenho pensado que seria melhor estar morto.	0	1	2	3
93	Eu respeito as ideias dos outros, mesmo quando elas são diferentes das minhas.	0	1	2	3
94	Sou satisfeito com meu jeito de ser.	0	1	2	3
95	Eu me aceito do jeito que sou.	0	1	2	3
96	Mostre que você está respondendo com atenção marcando o número três.	0	1	2	3
97	Lido bem com minhas emoções em situações de conflito.	0	1	2	3
98	Eu gosto de estar próximo dos meus amigos.	0	1	2	3
99	Estou feliz com os resultados de meus esforços para levar uma vida digna.	0	1	2	3
100	Tenho muita dificuldade em saber quem eu realmente sou.	0	1	2	3
101	O estado emocional das pessoas me afeta profundamente a ponto de me desestabilizar.	0	1	2	3
102	Eu nunca cometi uma trapaça em toda minha vida, nem mesmo em brincadeiras de criança.	0	1	2	3
103	Sinto que minhas relações sempre se mantêm em níveis superficiais.	0	1	2	3
104	Sinto-me satisfeito com minha vida emocional.	0	1	2	3
105	A forma como as pessoas reagem aos meus comportamentos não faz sentido algum.	0	1	2	3
106	Sinto que posso contar com meus amigos.	0	1	2	3
107	Meus relacionamentos são um fracasso.	0	1	2	3
108	Eu me dedico em alcançar meus objetivos.	0	1	2	3
109	Eu não quero ser íntimo do meu parceiro sexual.	0	1	2	3
110	Fico muito irritado quando os outros discordam do meu ponto de vista.	0	1	2	3
111	Mostre que você está respondendo com atenção marcando o número dois.	0	1	2	3
112	Sou muito sentimental, qualquer coisa me faz sofrer.	0	1	2	3
113	Quando alguém discorda de alguma ideia minha, eu busco conhecer o ponto de vista dessa pessoa.	0	1	2	3
114	Meus relacionamentos, na sua maioria, são instáveis.	0	1	2	3
115	Tenho planos na minha vida.	0	1	2	3
116	Eu fico irritado facilmente.	0	1	2	3
117	Eu li todos os itens cuidadosamente deste questionário.	0	1	2	3
118	Eu dei o meu melhor neste questionário.	0	1	2	3
119	Eu fui sincero nas minhas respostas.	0	1	2	3
120	Eu respondi esse questionário com bastante atenção.	0	1	2	3

Anexo 7 - Escala Triangular do Amor de Sternberg – Versão Reduzida (ETAS-R)

Pense em seu companheiro. Você deverá pensar nele para responder as seguintes perguntas. Leia cada afirmativa e indique o quanto você concorda com cada uma delas usando a legenda a seguir:

- 1 – Discordo fortemente
- 2 – Discordo
- 3 – Nem concordo e nem discordo
- 4 – Concordo
- 5 – Concordo fortemente

Espero que meu amor por meu companheiro dure pelo resto da vida.	1	2	3	4	5
Não deixaria nada atrapalhar meu compromisso com meu companheiro.	1	2	3	4	5
Meu companheiro pode contar comigo quando precisar.	1	2	3	4	5
Estou seguro do meu amor por meu companheiro.	1	2	3	4	5
Estou determinado a manter minha relação com meu companheiro.	1	2	3	4	5
Não deixaria que nada interferisse no meu compromisso com meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu sinto que eu realmente entendo meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu promovo ativamente o bem-estar de meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu recebo muito apoio emocional de meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu dou muito apoio emocional ao meu companheiro.	1	2	3	4	5
Tenho uma relação afetuosa com meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu tenho fantasias com meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu gosto muito do contato físico com meu companheiro.	1	2	3	4	5
Eu acho meu companheiro muito atraente.	1	2	3	4	5
Só em olhar para meu companheiro fico excitado.	1	2	3	4	5
Me pego pensando em meu companheiro várias vezes durante o dia.	1	2	3	4	5

Anexo 8 - Inventário Feminino dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IFE GA)

Neste questionário estão listadas algumas frases relacionadas ao **autoconceito**. O **autoconceito** pode ser definido como a percepção que você possui de si mesmo.

Por favor, leias as frases abaixo e utilize a escala de 0 a 4 para avaliá-las. A escala avalia o quanto cada frase se aplica a você.

- 0 – Não se aplica
- 1 – Aplica-se pouco
- 2 – Aplica-se moderadamente
- 3 – Aplica-se muito
- 4 – Aplica-se totalmente

Não é necessário que você se identifique e não há respostas certas ou erradas. Evite deixar respostas em branco.

Minha forma de vestir é deselegante	0	1	2	3	4
Sou grosseira com aqueles que me contrariam	0	1	2	3	4
Sou injusta com as pessoas quando tenho os meus desejos contrariados	0	1	2	3	4
Desconfio das intenções dos outros	0	1	2	3	4
Minha conduta segue as normas ditadas pela moral e os bons costumes	0	1	2	3	4
Tomo as minhas decisões, baseando-me nas opiniões dos outros	0	1	2	3	4
Fico mal-humorada ao ter os meus planos contrariados	0	1	2	3	4
Meu jeito de ser é sensual	0	1	2	3	4
Sou desleixada com as minhas coisas (roupas, objetos, etc..)	0	1	2	3	4
Sinto ciúme quando os outros se aproximam de pessoas que eu gosto	0	1	2	3	4
Sou honesta	0	1	2	3	4
Luto pelos meus ideais	0	1	2	3	4
Agrido, verbalmente, as pessoas quando me sinto frustrada	0	1	2	3	4
A harmonia de minhas formas corporais atrai as pessoas	0	1	2	3	4
Vejo segundas intenções nas atitudes dos outros	0	1	2	3	4
Tenho ideias inovadoras naquilo que faço	0	1	2	3	4
Sou desorganizada	0	1	2	3	4
A fidelidade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
Seduzo as pessoas com o meu charme e sensualidade	0	1	2	3	4
Sou desleixada com a minha aparência física	0	1	2	3	4
Quero que os meus desejos prevaleçam sobre os dos demais	0	1	2	3	4
Gosto de enfrentar novos desafios	0	1	2	3	4
Invejo aqueles que alcançam aquilo que eu gostaria de alcançar	0	1	2	3	4
Luto por aquilo que desejo	0	1	2	3	4
Sou atraente	0	1	2	3	4
Busco minhas metas com determinação	0	1	2	3	4
A moral rege a minha conduta diária	0	1	2	3	4
A lealdade faz parte dos princípios que regem a minha vida	0	1	2	3	4
Sou charmosa	0	1	2	3	4
Por preguiça, deixo para amanhã o que posso fazer hoje	0	1	2	3	4

Anexo 9 – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres vítimas de relações abusivas: Influências das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade e de crenças do feminino e do amor

Pesquisador: Lucyla Késia de Carvalho Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15596619.1.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.527.485

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa de mestrado intitulado "Mulheres vítimas de relações abusivas: Influências das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade e de crenças do feminino e do amor", de autoria da pesquisadora Lucyla Késia de Carvalho Silva, sob a orientação do Professor Dr Sérgio Eduardo Silva de Oliveira, do Departamento de Psicologia Clínica, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia (IP/UNB), com financiamento próprio.

Objetivo da Pesquisa:

Com apolo em 4 hipóteses de pesquisa (1- Mulheres que viveram situações adversas na infância são mais propensas a se relacionarem com parceiros violentos.2- Mulheres com funcionamento patológico da personalidade tendem a se expor a múltiplos relacionamentos abusivos.3- A internalização do papel de gênero feminino, culturalmente estabelecido por uma sociedade machista, tende a exercer influência na manutenção de relações abusivas.4- Crenças sobre o amor romântico socialmente construídas podem explicar parte dos comportamentos de manutenção de relações abusivas), a pesquisadora formulou os seguintes objetivos:

Objetivo Primário - O objetivo principal dessa pesquisa é verificar a influência das experiências traumáticas na infância, do funcionamento da personalidade, da

internalização de papéis do gênero feminino e de crenças a respeito do amor romântico sobre a

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.527.485

exposição de mulheres a múltiplos relacionamentos abusivos. O presente estudo busca compreender o papel dessas variáveis conjuntas na explicação da exposição de mulheres à violência por parceiro íntimo (VPI).

Objetivos Secundários - 1) Identificar os fatores de personalidade associados às mulheres vítimas de VPI por meio de uma revisão sistemática da literatura dos últimos 20 anos; 2) Analisar a relação de experiências traumáticas na infância com a exposição de mulheres a relacionamentos abusivos; 3) Investigar a associação dos domínios do funcionamento patológico da personalidade com as experiências de mulheres vítimas de relacionamentos abusivos; 4) Averiguar a relação das crenças sobre o feminino e do amor romântico com a exposição de mulheres a relacionamentos abusivos; 5) Examinar a contribuição específica das variáveis do estudo em modelos multidimensionais na explicação da exposição de mulheres à VPI.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Além das precauções de manter sigilo e anonimato, a pesquisadora alerta que na coleta presencial, como se trata de uma pesquisa que pode trazer memórias traumáticas às participantes, essas mulheres podem vir a sentir algum desconforto e serão assistidas pela pesquisadora no momento da emoção por meio de uma escuta empática. Caso haja alguma mobilização emocional, as mulheres serão sempre lembradas que podem parar a pesquisa a qualquer momento e isso não acarretará em qualquer penalidade ou perda de benefícios. As participantes contarão com o email: mulheresvittimasdeviolencia2019@gmail.com e o telefone da pesquisadora para caso

necessitem de extra apoio psicológico. Além disso, elas poderão ser encaminhadas para atendimento psicológico contínuo através da rede de atendimento psicossocial do seu território. Na coleta Online, como se trata de um ambiente virtual, há sempre uma possibilidade de intrusão de agentes externos, como hacker. Nesse caso, os dados serão criptografados. No que se refere aos benefícios, menciona que a participação presencial neste estudo gerará benefícios diretos às participantes. Será proporcionado um ambiente seguro onde as mulheres poderão expressar os seus sentimentos e angústias através de uma escuta cuidadosa realizada pela pesquisadora. A participação online também gerará benefícios diretos às participantes uma vez que ao final dos questionários elas terão acesso a um relatório de desempenho. O sistema de coleta de dados computará automaticamente as respostas das participantes e gerará um feedback do desempenho indicando o nível das principais características da personalidade. Isso promoverá um maior autoconhecimento das participantes e possibilitará que elas reflitam sobre suas características

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

Continuação do Parecer: 3.527.485

pessoais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Para se alcançar dos objetivos do projeto, a pesquisadora propôs serão dois estudos. O primeiro consistirá em uma revisão sistemática da literatura, o qual terá como objetivo identificar, em artigos científicos indexados nas bases de dados Psycinfo e PubMed, os traços de personalidade que estão comumente associados a mulheres vítimas de VPI. Espera-se, com esse estudo, conhecer os aspectos e facetas da personalidade dessas mulheres e identificar o papel deles no fenômeno de exposição e manutenção de relacionamentos abusivos. O segundo estudo, por sua vez, visa a verificação empírica e multidimensional de eventos traumáticos na infância, dos domínios do funcionamento da personalidade e das crenças sobre o feminino e o amor sobre a exposição de mulheres a VPI. A finalidade desse estudo é entender o peso dessas variáveis na explicação do fenômeno de VPI, para se pensar modelos de intervenção e prevenção. No que se refere aos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa terá duas formas de coleta: presencial e online. Para a coleta presencial, a pesquisa contará com 60 mulheres com idades a partir de 18 anos e que possuam, no mínimo, ensino fundamental incompleto, mas com habilidades preservadas de leitura e escrita. Do total, metade da amostra (30 mulheres) será composta por mulheres provenientes da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) localizado em Goiânia onde recebe ocorrências relacionadas a violência contra mulher. A outra metade da amostra (30 mulheres) será composta por mulheres provenientes de uma Clínica de fisioterapia, empresa situada em Goiânia, e que não tenham tido experiência de VPI. A pesquisa online será realizada através de uma plataforma virtual. Mulheres brasileiras serão convidadas a participar por meio de divulgações nas mídias sociais. Estima-se o número de 150 participantes. Como critérios de exclusão, aponta que mulheres sem habilidades de leitura e escrita não poderão participar da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora postou na plataforma os seguintes documentos: -folha de rosto, carta de encaminhamento, CV lattes de pesquisador e orientador, carta de revisão ética, instrumentos de pesquisa, 2 cartas de aceite Institucional (Clínica FisioGyn de Goiânia-GO e do Ministério Público do DF), TCLE único e detalhado, orçamento próprio e cronograma atualizado, com início de coleta de dados previsto para 02/09/2019 .

Recomendações:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 3.527.485

Este comitê sugere que, na devolução dos resultados da pesquisa, sejam tomados cuidados no uso de terminologias, como "personalidade patológica", para evitar causar danos às participantes e/ou responsabilização delas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, considerando que a pesquisadora atendeu às exigências do CEP/CHS, o presente parecer é favorável à aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1361714.pdf	11/08/2019 10:56:03		Acelto
Cronograma	cronogramasatualizado01.pdf	11/08/2019 10:52:42	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Outros	curriculolattes2.pdf	11/08/2019 10:32:16	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Outros	curriculolattes1.pdf	11/08/2019 10:30:33	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Folha de Rosto	folhadrostoPB.pdf	06/06/2019 12:43:44	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodetalhado.pdf	06/06/2019 12:14:33	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Outros	cartadeencaminhamento.pdf	30/05/2019 23:45:57	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Outros	instrumentos.pdf	30/05/2019 23:26:42	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Outros	cartarevletica.pdf	30/05/2019 23:23:13	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/05/2019 23:18:16	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Orçamento	orcamento.pdf	30/05/2019 23:15:57	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	aceitedeampdf.pdf	30/05/2019 23:12:33	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Aceitefisiogynpdf.pdf	30/05/2019 23:11:30	Lucyia Késia de Carvalho Silva	Acelto

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
 Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.527.485

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 23 de Agosto de 2019

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.810-900
UF: DF Município: BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br